



Departamento de Sociologia

Os Novos Media na Revolução Egípcia de 2011:  
Um passo em frente na apropriação social das novas culturas de rede

Maria Inês Clímaco Casanova Antero

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de  
Mestre em Comunicação, Cultura e Tecnologias de Informação

Orientador:

Professor Doutor Gustavo Alberto Guerreiro Seabra Leitão Cardoso,  
Professor Auxiliar com Agregação  
ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Julho, 2012

## RESUMO

Em 2011 a rebelião política e social reemergiu nas ruas um pouco por todo o mundo, com efeitos profundos na região árabe. Em Janeiro desse ano, o governo tunisino caiu após semanas de protestos, seguindo-se, da mesma forma, protestos anti-governo no Egito, levando igualmente à renúncia do seu presidente. Estas agitações surgiram em novos formatos e novos nomes lhe foram dados: *Primavera Árabe*, *Facebook Revolution*. O presente artigo contextualiza a transformação do paradigma da comunicação, na qual as culturas de pertença em rede e a necessidade crescente da criação de novos canais comunicacionais são fatores-chave, e com isto apresenta as novas evidências empíricas, oferecidas pelas recentes ondas de protesto, do impacto que podem ter as interações online e a troca de informação na formulação de novas políticas. Foca-se na revolução do Egito de 2011, enquanto caso exemplar da conjugação das novas ferramentas de comunicação com o contexto de indignação e revolta, pelo que são analisados o panorama mediático egípcio e o contexto social, histórico e político que levaram aos protestos e à revolução. Argumenta-se sobre o papel fundamental dos media sociais<sup>1</sup> para o sucesso dos protestos anti-governo, constituindo-se como um importante recurso para a mobilização coletiva e para a organização de movimentos sociais contemporâneos.

A Internet criou uma nova interface entre a política e a ação coletiva, abrindo novos canais para a coordenação e mobilização social, pelo que será de maior importância estas temáticas serem de excelência para futuras pesquisas, numa era que é digital e numa sociedade que funciona em rede.

### Palavras-chave

Modelo comunicacional em rede; Ação Coletiva; Movimento Social; Internet; Redes Sociais; Primavera Árabe; Egito

---

<sup>1</sup> Na medida em que redes sociais se referem todos os tipos de interação social em rede, optamos por enfatizar a dimensão social da mediação através de media sociais, servindo como exemplo o Facebook e o Twitter

## **ABSTRACT**

In 2011 the political and social rebellion re-emerged on the streets all over the world, with profound effects on the Arab region. In January 2011, the Tunisian government stepped down after weeks of protests, followed in the same way, by the anti-government protests in Egypt, leading also to the resignation of its president. These upheavals have emerged in new forms and new names were given to it: *Arab Spring*, *Facebook Revolution*. This article analyzes the transformation of the communication paradigm in which the cultures of network belonging and the increasing need of creating new communication channels are key factors, presenting new empirical evidences, offered by the recent waves of protest, of the impact that online interactions and exchange of information can have in formulating new policies. It focuses on the Egyptian revolution of 2011, while an exemplary case of the combination of new communication tools with the context of indignation and outrage. It analyzes the Egyptian media landscape and the social, historical and political context that led do the protests and to the revolution. It argues about the role of social media in the success of anti-government protests, as an important resource for collective mobilization and the organization of contemporary social movements.

The internet has created a new interface between politics and collective action, opening new channels for coordination and social mobilization, and it will be of greater importance the existence of future research on these topics, in an era that is digital and in a network society.

### **Keywords**

Network Communication; Collective Action; Social Movement; Internet; Social Networks; Arab Spring; Egypt

## ÍNDICE

1. Introdução	5
2. A Mudança Social em Rede	7
2.1 O Novo Paradigma da Comunicação	8
2.2 O Novo Modelo Comunicacional em Rede	12
3. Novos Media, Novos Movimentos Sociais	14
3.1 O Poder das Redes Sociais para a Mudança Social	18
4. A Revolução no Egito, Primavera de 2011	22
4.1 Classe 2.0	22
4.2 Contextos de uma Revolução	24
4.3 A Mobilização Pública	27
4.4 A Participação Cívica das Mulheres Árabes – o Recurso às Novas Ferramentas de Comunicação	32
5. A Mobilização dos Recursos	36
6. Conclusão	39
7. Bibliografia	41
8. Anexos	
9. CV	

## 1. INTRODUÇÃO

*A dream you dream alone is only a dream.*

*A dream you dream together is reality.*

John Lennon

Desde 2011 que se tem testemunhado uma explosão de debates, de *blogging*, e de teorizações em torno do papel da Internet nos movimentos sociais atuais. Os media sociais – aplicações online, como Facebook, Twitter e Youtube que facilitam a criação e a troca de conteúdo criado pelos utilizadores – têm sido identificados como a chave para eventos tão diversos como os protestos de estudantes no Reino Unido no final de 2010 e as revoluções no Mundo Árabe. (Jones, 2011).

Centrando o presente estudo nas revoltas que abalaram os regimes autoritários para lá do Mediterrâneo, pretende-se perceber qual o real papel desempenhado pelas novas tecnologias de informação e comunicação na tomada de ação virtual e no terreno que constituíram o reflexo da determinação das populações. Hoje, estes movimentos que partilharam causas, valores, e estratégias de resistência civil, são por vezes coletivamente referidos como “Primavera Árabe”. Em paralelo, e de uma perspetiva dos meios de comunicação, estes movimentos também foram chamados de “Twitter Revolution” ou “Facebook Revolution”, o que sugere desde logo um forte papel das respetivas aplicações de Internet, que foram de facto utilizados de diversas formas, quer pelos governos autoritários repressivos, que pelos movimentos populares de oposição que os desafiaram.

A presente dissertação centra-se na avaliação do verdadeiro potencial dos novos media para estes processos de mobilização coletiva, olhando de forma mais detalhada para o caso Egípcio e para o seu panorama mediático transformativo.

Tornou-se fundamental elaborar uma análise e uma definição do contexto atual e das transformações em curso na sociedade contemporânea, partindo do pressuposto que “juntamente com a revolução tecnológica, a transformação do capitalismo e a derrocada do controlo estatal, assistimos, no último quarto de século, ao avanço de poderosas expressões de identidade coletiva que desafiam a globalização (...)” (Castells, 2003: 1).

O presente estudo forçar-se-á naquilo que pode significar em termos concretos, a tecnologia aliada à procura de identidade, levando à mobilização e à ação coletiva, tendo como caso de estudo a Revolução no Egito no contexto da Primavera Árabe. Cruzando teorias e factos, pretende-se dar um enquadramento explicativo para o que aconteceu no mundo árabe, compreendendo ainda assim que “with revolutions, it is difficult to date their beginning

and hard to chart their course; when they are established, it is hard to pinpoint what they have accomplished.” (Hassan, 2011: 5).

Exploramos a forma como os novos aspetos das novas culturas de pertença em rede (Cardoso, 2011) demonstram a utilidade das novas formas de protesto no ativismo e nos movimentos sociais contemporâneos, partindo do pressuposto de que os media sociais representam um recurso instrumental importante que contribuiu para o nascimento e sustentabilidade dos protestos iniciados a de 25 janeiro de 2011.

Recorrendo à revolução egípcia de 2011 como caso de análise, a presente dissertação explora, igualmente, a utilidade da Teoria da Mobilização dos Recursos (Eltantawy & Wiest, 2011) para melhorar a compreensão dos acontecimentos, uma vez que para estes movimentos, como para qualquer movimento social, para além dos meios empregues como recursos para apoiar um revolução, devemos sempre atentar e destacar as condições e os contextos que sustentam qualquer protesto.

## 2. A MUDANÇA SOCIAL EM REDE

Nos últimos anos temos observado uma onda de interesse na apropriação das novas tecnologias para diversas causas. Gustavo Cardoso em “Surfing the Crisis: Cultures of Belonging and Networked Social Change” (2012), faz referência a um contexto de redes sociais difusas, que está a substituir o tempo de uma ordem social baseada num grupo de pertença a um único grupo de trabalho, a uma única organização, numa dada casa, num único bairro. Baseando-se na sugestão de Wellman (2002), de que na sociedade em rede a vida social dos indivíduos é construída e centrada em torno da sua rede pessoal, Cardoso (2012) afirma que, com este modelo de interação social, permite-se a construção de lealdades múltiplas e compromissos parciais entre as pessoas envolvidas em vários projetos e grupos de trabalho. Cardoso (2012) avança com a noção de construção de “capital de rede” (“network capital”), já desenvolvida anteriormente por Wellmann:

The network society is as much a social construct as it is a material infrastructure and a organizational process, but being the sum of all those parts allows also it to give rise to a new dimension of capital, network capital (Wellmann, 2002) which can be best described as the networking and interaction of different kinds of capital (...) developed through the use of mobile phones, tablets, computers, televisions, etc., that allow social mediation to occur through and with the Internet. (Cardoso, 2012: pp.4)

Tal como refere Cardoso (2012), assistimos à mudança cultural dentro da sociedade em rede, onde as práticas se transformam num momento que é de crise, e onde os mais jovens e os mais velhos têm adotado o mundo digital da rede:

These people are the ones assuming the role of innovators in a network society, sometimes, experimenting in traditional institutional settings such as universities, political parties, NGO’s and special interest groups, other times, moving to the streets and squares and assuming their identity of network individuals. (Cardoso, 2012: 24)

Vivemos, sem dúvida, numa sociedade em rede sob o signo de um individualismo em rede, “network individualism” (Cardoso, 2012), mas a cultura subjacente que guia as nossas ações move-se no sentido da adoção de um paradigma não tanto centrado no interesse próprio, mas muito mais centrado na capacidade de adotar interesses comuns, “therefore of belonging to a group that shares objectives within a given network” (pp.24). Assistimos, portanto, a uma mudança cultural e comunicacional, a uma mudança para o modelo comunicacional em rede. Ainda segundo o autor, esta é uma mudança primeiramente

construída através da experimentação dos bens culturais digitais, e que tem influenciado as formas pelas quais percebemos a produção, a distribuição, a propriedade e a rede social, o que se tem tornado fundamental na promoção do empenho (“engagement”) na mudança social.

Não obstante, a principal mudança situa-se ao nível da forma como nós percebemos a organização social a desenrolar-se, ou seja, salientando o papel das redes sociais mediadas como o Facebook e Twitter para este fenómeno. Esta mudança já havia sido desenvolvida e analisada por Gustavo Cardoso, em Março de 2011:

(...) we are witnessing the erosion of a previous communicational paradigm and the emergence of a new one. (...) This communicational change might be witnessed in a series of events and transformation in practices and representations towards media and their role in society. Examples are diverse and can be found in more visible trends as sharp falls in the sale of newspapers, the growing proliferation of P2P distribution of audiovisual content, the increasing presence of advertising on the Internet, or in the less visible as the role of social networks on the daily routines of citizens and organizations (...). (Cardoso, 2011)

## **2.1. O Novo Paradigma da Comunicação**

A relação entre o público e elite política está num período de transformação. Se por um lado, existem expectativas e significados de cidadania, por outro, é inegável o empobrecimento dominante da comunicação política. O crescimento de instituições especializadas na responsabilização do poder político está evidentemente associado ao crescimento dos novos Meios de Comunicação. Como comprova a realidade contemporânea, “contemporary forms of democracy are tied closely to the growth of multi-media-saturated societies – societies whose structures of power are continuously ‘bitten’ by monitory institutions operating within a new galaxy of media defined by the ethos of ‘communicative abundance’.”(Keane, 2010: 4).

Tal como John Keane (2010) reflete, cada um de nós pode também parar para pensar. Será que a nova era de abundância ou excesso de comunicação produz instabilidade, decepção e contradições? Ou, por outro lado, é o descontentamento com os agentes políticos, partidários, instituições da política, um efeito necessário dos novos meios de comunicação?

Os cidadãos sabem pouco sobre política, raramente confiam nos políticos e nos processos por eles desenvolvidos e sentem que têm pouca ou nenhuma voz nas tomadas de decisão políticas. Os media têm um papel essencial neste ponto, permitindo aos cidadãos uma aproximação aos eventos políticos, às relações e às culturas com as quais não têm uma



experiência direta. A capacidade dos mass media servirem a cidadania e a democracia tornou-se um tema cada vez mais debatido no século XXI, e foi acelerado com a crescente intromissão dos media na política. (Coleman e Blumler, 2009: 42-43).

Nesta era de abundância de comunicação, e com todas estas questões associadas a este fenómeno, ser um cidadão ativo é complexo. Em primeiro lugar, requer informação suficiente para saber o que se passa no mundo, distinguir o que interessa a nível pessoal e/ou global. Segundo, os cidadãos ativos necessitam de fazer julgamentos sobre quem é ou não confiável. Por último, eles precisam de se fazer sentir e ouvir. Isto envolve um uso das suas capacidades e dos seus recursos para viabilizar o desenvolvimento de redes coletivas de auto-organização e para contribuir para o discurso político de forma a criarem impactos nas formas de exercício do poder político. (Coleman e Blumler, 2009: 42).

Em cima da mesa estão também as recentes transformações no processo de comunicação política, em quase tudo o que tem a ver com este domínio parece estar em evolução. Desde as formações sociais e estilos de vida, estratégias de persuasão, a relação políticos-jornalistas, a tecnologia mediática, entre outros. De um sistema de canais limitados e em que a televisão nacional era o médium dominante de comunicação política, passámos para um sistema mais abundante e fragmentado, que ao mesmo tempo que proporciona mais canais para a divulgação das mensagens políticas, cria também mais oportunidades para as audiências as ignorarem.

A Internet foi assimilada como fazendo parte das nossas rotinas domésticas, bem como noutros domínios da vida quotidiana. Vemos a jovem geração a crescer através dela. Parecida com a história do telefone, do cinema, da rádio, ou de outra revolução nos media, a novidade da rede tem-se verificado pela sua evolução a um ritmo alucinante e constante, oferecendo sempre novas possibilidades. A Internet não é um fenómeno unitário, nem estático, ela vincula tecnologicamente outras formas dos media. (Dahlgren, 2009: 150).

O *onde* está a aproximar-se da importância do *o quê*, do *quem*, do *porquê* e do *como*. O espaço pode ser constituído por processos de comunicação onde o local é completamente indiferente. A facilidade de interagir, de formatar, de divulgar e de modificar, promove uma participação na utilização destas novas tecnologias onde a lógica das lojas tradicionais é completamente ultrapassada. As audiências de massa anteriores a estas novas tecnologias recebiam informações aparentemente autoritárias, centralizadas e de forma unidirecional. Certamente que o modelo antigo ainda vigora e, pode até, nunca desaparecer totalmente, mas de facto, este deixou de ser o paradigma dominante da comunicação política. (Dahlgren, 2009: 151-155). O espaço social em rede traduz-se, por exemplo, por suportes como a

Internet, capazes de proporcionar um avanço na autonomia individual, onde as pessoas conseguem fazer mais coisas por si próprias e também em cooperação com os outros.

As grandes mudanças no processo democrático devem-se muitas vezes a desenvolvimentos sócio-culturais, que são impulsionados pelo ambiente dos media e pelas alterações que aí se registam. Perspetivas como estas tendem a colocar a Internet na linha da frente do desenvolvimento dos meios de comunicação e a vê-la como um recurso significativo para a mudança política. No fundo, pode contribuir para transformações no próprio funcionamento das instituições democráticas, bem como nos modos de participação, embora não garanta, só por si, esse efeito. A Internet pode oferecer possibilidades para a iniciativa cívica no domínio político. (Dahlgren, 2009: 161-163).

É notável, num lado mais negativo, uma preocupação crescente com o facto de a *net* alastrar a fragmentação da esfera pública minando, desta forma, os padrões de comunicação necessários para o ótimo funcionamento dos princípios democráticos. Há cada vez mais informação e espaços onde é possível a discussão. Estes espaços requerem que os cidadãos naveguem em diferentes grupos e culturas, com diferentes linguagens, para que a sua participação seja efetiva. Além da fragmentação pode ser notado um outro problema, que diz respeito a um isolamento discursivo. É difícil identificar a quantidade de *counter-public spheres* (Downey & Fenton, 2003), logo torna-se mais fácil que o poder político perca o sinal acerca das questões do poder na sociedade e no mundo.

Quando a Internet é usada por cidadãos para propósitos políticos, pode conseguir facilitar não só o compromisso como a participação. Este raciocínio pode ser aplicado a todos os media, na medida em que estes desempenham alguma responsabilidade no nosso envolvimento político, sendo que o bom jornalismo deve comprometer-nos e envolver-nos àquilo que nos rodeia. Ou seja, deve promover um “engagement” nos cidadãos. (Dahlgren, 2009: 80-82).

A desconfiança crescente por parte dos cidadãos perante a elite política que os representa parece ainda não ter abalado o compromisso das pessoas em relação aos valores democráticos. Diversos estudos transnacionais em grande escala evidenciam que nas nações industrializadas as orientações de valores prevalentes entre os cidadãos tendem cada vez mais a rejeitar autoridades hierárquicas, mas não a democracia. (Dahlgren, 2009: 83-84).

A Televisão, a Rádio e os Jornais, e o seu desenvolvimento, ficaram conhecidos durante do Século XX como os meios de comunicação de massa e assumiram o papel central no sistema mediático dando origem a um novo paradigma comunicacional (Cardoso, 2011). Esse paradigma da comunicação, da comunicação de massa, foi o modelo comunicacional das

sociedades industrializadas sob um modelo de desenvolvimento industrial (Castells, 2002) e sob o que foi cunhado por Giddens como a modernidade tardia (Cardoso, 2011).

De Touraine (Castells, 2002), a Melluci (1996), Della Porta e Diani (1999), a Castells (2002) o papel da informação e da comunicação na mudança social nas nossas sociedades tem sido discutido.

O nascimento da Internet em 1969 e o longo percurso de 40 anos, dos laboratórios e apropriação científica às casas e empresas e à generalização da apropriação pessoas e organizacional no quotidiano, introduziu uma clara mudança no nosso ambiente comunicacional (Castells 2009, Cardoso 2011). Tal mudança trouxe à discussão o papel da Internet, quando combinado com os meios de comunicação de massa (Cardoso, 2011), e citando Cardoso (2011): “ (...) it is possible to suggest, and argue, that those interactions have led to what we can describe as the networking of different media, both technologically and in usage patterns” (pp.3). A sociedade em rede é a construção social de uma sociedade onde a estrutura organizacional em rede é tida pela maioria dos actores como a que proporciona maiores ganhos em todas as dimensões das atividades humana. Na Sociedade em Rede o desenvolvimento baseado no papel da informação, fomentado pela interacção das infraestruturas de informação, produção e conhecimento de informação (Castells 2002, Cardoso 2011), dá origem ao Modelo Informacional de Desenvolvimento (“Informational Model of Development”) (Cardoso 2011):

Under such a model of development, the idea that we can characterize the societal changes in communication by simply adding a new technology and its uses to older uses and technologies, like the Mass Media, and produce a new model that will allow a better understanding of reality should be cautioned with care. Because, the dynamics and changes produced by the action of Internet on Mass Media and of those on the Internet is a much more complex phenomena. (Cardoso 2011: pp. 3)

Sendo que o modelo de comunicação do modelo industrial de desenvolvimento era a Comunicação de Massa, testemunhamos agora a construção de um novo modelo comunicacional sob o modelo informacional de desenvolvimento nas nossas sociedades, a Comunicação em Rede, que está de forma gradual a substituir a Comunicação de Massa e os seus paradigmas, ocorrendo de formas variadas e em diferentes contextos culturais e diferentes sistemas mediáticos em todo o mundo, mas ao mesmo tempo mantendo em comum um conjunto de características que sustentam o argumento de que estamos a testemunhar uma mudança global nos modelos comunicacionais (Cardoso, 2011).

## 2.2. O Modelo Comunicacional em Rede

Movemo-nos portanto, na direção de um modelo baseado na comunicação em rede (Cardoso 2008) e na apropriação individual da Comunicação de Massa, aquilo a que Castells designou por “Mass self-communication” (Castells 2009).

This communicational model generated in the informational societies, where the prevailing social organization model is the network (...) does not replace the previous models, but articulates them, producing new forms of communication and also enabling new forms of facilitation of individual empowerment and, consequently, communicative autonomy. (Cardoso 2008, pp.619)

Apropriando-se de novas formas de comunicação, as pessoas criaram o seu próprio sistema de comunicação em massa, notando-se um número crescente de redes de comunicação horizontais no campo da comunicação massificada:

Certainly, mainstream media are using blogs and interactive networks to distribute their content and interact with their audience, mixing vertical and horizontal communication modes. But there are also a wealth of examples in which the traditional media, such as cable TV, are fed by autonomous production of content using the digital capacity to produce and distribute. (Castells, 2007:247).

Ainda de acordo com o autor (2007), a crescente interação entre redes de comunicação verticais e horizontais não significa que os media estejam a assumir uma nova e autónoma forma de geração e distribuição de conteúdo. Significa que existe um processo contraditório que origina uma nova realidade mediática cujos contornos e efeitos serão percebidos através de uma série de lutas políticas e empresariais.

O crescente interesse das empresas de meios de comunicação em formas de comunicação baseadas na Internet é, de facto, o reflexo do nascimento de uma nova forma de comunicação: a auto comunicação de massa (“mass self-communication”) (Castells, 2007). De acordo com o autor, esta forma de comunicação é uma comunicação em massa porque atinge uma audiência global através das redes p2p (peer-to-peer / par-a-par) e da Internet. Ela é multimodal, uma vez que a digitalização de conteúdo e o software social avançado, muitas vezes baseado em fontes abertas que podem ser adquiridas gratuitamente, permite a reformatação de (quase) qualquer conteúdo em (quase) qualquer formato, cada vez mais distribuído através das redes de Internet. Para além disto, é auto gerado em termos de conteúdo, auto dirigido no que respeita a emissão, e auto selecionado na receção dos muitos que comunicam com muitos (Castells, 2007). Desta forma, podemos afirmar, tal como o fez

Manuel Castells (2007), que estamos num novo reino comunicacional e num novo meio, cuja base centra-se nas redes de computadores, cuja linguagem é digital, e cujos remetentes estão globalmente distribuídos no mundo global interativo (Castells, 2007):

True, the medium, even a medium as revolutionary as this one, does not determine the content and effect of its messages. But it makes possible the unlimited diversity and the largely autonomous origin of most of the communication flows that construct, and reconstruct every second the global and local production of meaning in the public mind. (Castells, 2007: 248).

Ao desenvolver e analisar este novo ambiente comunicacional, o de auto comunicação em massa, Castells (2007) avança ainda com o desenvolvimento de um conceito necessário ilustrativo de todo este novo ambiente: o conceito de contrapoder (“counter-power). Castells define-o como a capacidade dos actores sociais de desafiar e, eventualmente, alterarem as relações de poder institucionalizadas na sociedade, que pode existir em diferentes formas e com intensidades variáveis, notando que: “ (...) wherever is domination, there is resistance to domination, be it political, cultural, economic, psychological, or otherwise.” (Castells, 2007: 248). Em quase todo o mundo, a identidade, seja ela religiosa, étnica, territorial ou nacional, tornou-se a fonte de significado e de inspiração para projetos alternativos de organização social e construção institucional, sendo que os movimentos sociais podem ser progressivos ou reacionários ou apenas alternativos. Mas em todos os casos constituem-se como ações coletivas intencionais que pretendem alterar os valores e interesses institucionalizados na sociedade, isto é, modificar as relações de poder. (Castells, 2007).

### 3. NOVOS MEDIA, NOVOS MOVIMENTOS SOCIAIS

Os movimentos sociais são uma característica permanente da sociedade, tal como afirma Manuel Castells (2007) mas eles adotam valores e formas organizacionais que são específicas ao tipo de sociedade onde decorrem, daí a diversidade cultural e política em todo o globo. Em paralelo, uma vez que as relações de poder são hoje estruturadas no reino de uma comunicação socializada, os movimentos sociais atuam nesta estrutura de rede global intervindo no processo de comunicação global. “They think local, rooted in their society, and act global, confronting the power where the power holders are, in the global networks of power and in the communication sphere.” (Castells, 2007: 249).

Desta forma, a emergência da, designada por Castells, auto comunicação de massa, oferece um meio extraordinário para os movimentos sociais e indivíduos rebeldes construir a sua autonomia e confrontarem as instituições da sociedade nos seus próprios termos e em torno dos seus próprios projetos. Ainda de acordo com a obra de Manuel Castells, os movimentos sociais não são originados pela tecnologia, eles utilizam-na, não só enquanto um meio, mas como uma construção social com as suas implicações, resultado de uma cultura que dá ênfase à autonomia individual:

(...) the more an individual has a project of autonomy (personal, professional, socio-political, communicative), the more she uses the Internet. And in a time sequence, the more he/she uses the Internet, the more autonomous she becomes vis-à-vis societal rules and institutions. (Castells, 2007: 249).

Sob este novo paradigma cultural e tecnológico, os movimentos sociais da era da informação e as novas formas de mobilização política apoiam-se e utilizam grandemente os meios da auto comunicação de massa, nunca deixando igualmente de intervir através dos media tradicionais, de forma a influenciar uma mais vasta opinião pública. Mas a realidade é que para estes novos movimentos sociais, a Internet surge enquanto uma plataforma essencial para o debate e para a ação, e enquanto uma potente arma política. No entanto, não se confinam única e exclusivamente à Internet, afinal estamos numa sociedade em rede, em que todas as plataformas comunicacionais se interligam e se tornam essenciais para qualquer objetivo de mobilização ou tomada de ação (Castells, 2007):

But social movements do not exist only in the Internet. Local radio and TV stations, autonomous groups of video production and distribution, p2p networks, blogs, and podcasts constitute a variegated interactive network that connects the movement with itself, connects

social actors with society at large, and acts on the entire realm of cultural manifestations. (...) the space of the new social movements of the digital age is not a virtual space, it is a composite of the space of flows and of the space of places (...). (Castells, 2007:250)

Antes de elaborarmos e verificarmos o papel da Internet, de forma geral nos movimentos sociais, e de forma particular focando-nos no caso da Revolução Egípcia de 2011, avançaremos com duas definições necessárias de movimentos sociais. Movimentos Sociais, de acordo com Della Porta e Diani (1999), podem ser considerados como: “informal networks, based on shared beliefs and solidarity, which mobilize about conflictual issues, through the frequent use of various forms of protest” (pp. 16). Para Manuel Castells, em “O Poder da Identidade” (2003), os movimentos sociais constituem-se como “ações coletivas com um determinado fim, cujo resultado (tanto em caso de sucesso como de fracasso) transforma os valores e as instituições da sociedade”. E, afirma ainda que “eles são o que dizem ser. As suas práticas (e sobretudo as práticas discursivas) são a sua autodefinição.” (pp.85).

Nesta era da Informação e numa sociedade que funciona em rede, as novas tecnologias são, de facto, fundamentais à existência de movimentos. Tal como afirma Castells (2003), as novas tecnologias de informação e comunicação, as TIC<sup>1</sup>, cumprem o papel de infraestrutura organizacional dos movimentos. Urge então analisar o papel das redes sociais mediadas, como o Facebook, na mudança social, ou, de outro modo, compreender como podemos apropriar as redes sociais para a mudança social.

“(...) social movements would be wrong to ignore the established mass media as a potential sounding board. However, social movements would be equally mistaken in assuming that, in learning about the rules and mechanisms of the mass media, they could rely on the mass media. These follow their own logic, which is markedly different from that of social movements” (Rucht, 2004).

Os movimentos sociais, um dos fenómenos mais comuns da sociedade (Cardoso e Neto, 2004), são os veículos para a mudança social (Phipps e Szagala, 2007), mas não restam dúvidas de que testemunhámos um momento histórico mundial. A onda de rebelião que começou na Tunísia em Dezembro e se espalhou pelo Magrebe e Médio Oriente, levantou importantes questões sobre o papel das tecnologias e plataformas de novos media nas mobilizações políticas contemporâneas.

---

<sup>1</sup> Por novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) entendemos telemóveis, e aplicações de Internet como e-mail, *blogs*, fóruns, sites de redes sociais como o Facebook e o Twitter, e programas como o Skype.



Desde os protestos antiglobalização em Seattle em 1999, que a adoção das tecnologias de informação e comunicação (TIC) por ativistas de movimentos sociais tem oferecido boas bases e perspectivas para o desenvolvimento de um ciber-protesto global. A Internet, com a sua potencialidade de comunicação de *um-para-muitos* e de *muitos-para-muitos* (Castells, 2007), oferece um potencial revolucionário aos movimentos sociais, dando-lhes a oportunidade de se colocarem online, contornando as mensagens oficiais das organizações políticas, e falando diretamente com os cidadãos de todo o mundo. Além disso, a utilização dos e-mails, de websites, de fóruns e outras aplicações online, constitui uma ferramenta poderosíssima para coordenar a atividade de muitos atores de movimentos fisicamente dispersos. As TIC, podem igualmente contribuir para a importante função dos movimentos sociais de formar e modelar a identidade coletiva e de contrariar os interesses políticos, ou a ordem política, estabelecida.

Para impulsionadores da globalização, como o é Thomas Friedman, a Internet está a tornar o mundo um lugar menor, no qual a democracia e o mercado florescem com certeza. (Jones, 2011). Esta atitude foi resumida pelo Prémio Nobel da Economia Paul Krugman, numa revisão do seu livro “The Lexus and the Olive Tree”: “We are heading for a world that is basically democratic, because you can’t keep ‘em down on the farm once they have Internet access” (Krugman, 1999).

Os debates sobre o papel da Internet na mobilização política têm-se tornado cada vez mais polarizados, na sequência do importante e inovador elemento da campanha de Barack Obama para as eleições presidenciais de 2008 e da “Twitter rebellion” no Irão em 2009: o elemento *online*. (Jones, 2011).

A última década assistiu a uma explosão no acesso à Internet. (Jones, 2011). De acordo com o “Internet World Stats”, estima-se que entre 2000 e 2011, o número de pessoas com acesso à Internet cresceu 528,1%, perfazendo um total mundial de 2,267,233,742 utilizadores de Internet, o que representa 32,7% da população mundial. As áreas de maior crescimento foram África, onde agora 13,5% da população tem acesso à Internet (de 4,514,400 para 139,875,242 utilizadores de Internet, um aumento de 2,988.4%), e o Médio Oriente, onde o acesso à Internet ronda os 35,6% da população (de 3,284,800 para 77,020,995, um aumento de 2,244.8%)<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> <http://www.internetworldstats.com/stats.htm>



O crescimento dos media sociais é igualmente impressionante. A rede social Facebook cresceu de cerca de 150 milhões de utilizadores em Janeiro de 2009 para 838469840 utilizadores mundiais da rede nos dias de hoje.<sup>3</sup>

Durante anos a Internet tornou-se sinónimo de pornografia, download de música e a febre do “*dot.com*”. Mas para muitos observadores, isto foi transformado pelo advento do que é conhecido como *Web 2.0*. (Jones, 2011). O teórico de Comunicação, Joss Hands, define *Web 2.0* como:

A by now ubiquitous term that loosely refers to the proliferation of user-created content and websites specifically built as frameworks for the sharing of information and for social networking, and platforms for self-expression such as the weblog, or using video and audio sharing. (Hands, 2011<sup>4</sup>).

De acordo com Jones (2011) Hands identifica 2006 como o ano em que a *Web 2.0* e os media sociais avançaram em relação aos mass media, “marked by Time magazine’s decision to make “You” the Person of the Year” (pp.3). Mas será que os media sociais conseguem realmente desempenhar o tipo de papel esperado pelos impulsionadores dos novos media? De acordo com Jones (2011), para alguns as afirmações feitas acerca da *Web 2.0* foram mais do que apenas uma campanha: representavam uma barreira para a atividade prática:

Instead they represented a shortcut into ‘slacktivism’ campaigns, defined by Evgeny Morozov as “feel-good online activism that has zero political or social impact. It gives those whose participate in ‘slacktivist’ campaigns an illusion of having a meaningful impact on the world without demanding anything more than joining a Facebook group”. (Jones, 2011, pp.4).

Morozov, um especialista em media sociais que pretende aconselhar os políticos sobre a proliferação da democracia, vê o “slacktivism” como o “the ideal type of activism for a lazy generation: why bother with sit-ins and the risk of arrest, police brutality, or torture if one can be as loud campaigning in the virtual space?” (Morozov, 2009).

Jodi Dean (2005) argumenta que muitas pessoas “(...)believe that they are active, maybe even that they are making a difference simply by clicking on a button, adding their name to a petition, or commenting on a blog.” (pp.14). Para a autora, esta crença constitui um exemplo da noção de Slavoj Zizek de que o outro lado da interatividade é a interpassividade. (Dean, 2005).

---

<sup>3</sup> <http://www.socialbakers.com/countries/continents>

<sup>4</sup> Hands, Joss (2011), @ is for Activism: Dissent, Resistance and Rebellion in a Digital Culture (Pluto), citado por Jones, Jonny (2011), “Social media and social movements”, *International Socialism* (<http://www.isj.org.uk/index.php4?id=722>), pp.3.

Talvez a variante mais conhecida destes argumentos seja aquela defendida pelo escritor canadiano Malcolm Gladwell. No seu artigo “Small Change: Why the Revolution Will Not be Tweeted”, Gladwell argumenta que os media sociais geram redes através de laços fracos (“weak ties”), enquanto que o envolvimento em acções radicais de risco está baseado em laços fortes (“strong ties”). Gladwell (2010) estabelece a distinção entre amigos chegados, amigos distantes e conhecidos, e cita a pesquisa de Doug McAdam sobre a campanha no Mississippi ‘Freedom Summer’ em 1964, que constatou que os ativistas que permaneceram ao longo da campanha “were far more likely than dropouts to have close friends who were also going to Mississippi”. Gladwell continua o seu argumento:

This pattern shows up again and again. One study of the Red Brigades, the Italian terrorist group of the 1970s, found that 70 percent of recruits had at least one good friend already in the organization. The same is true of the men who joined the mujahideen in Afghanistan. Even revolutionary actions that look spontaneous, like the demonstrations in East Germany that led to the fall of the Berlin Wall, are, at core, strong-tie phenomena. (Gladwell, 2010).

De certa forma, isto é algo surpreendente. Se alguém se envolve em campanhas políticas que não são baseadas em torno da organização no local de trabalho coletivo, então é bastante provável que tenha sido através de amigos com quem se partilha interesses comuns. (Jones, 2010). No entanto, o que é de particular interesse em Gladwell é o contraste que ele faz entre esse tipo de ativismo e o que está associado aos media sociais: “The platforms of social media are built around weak ties. Twitter is a way of following (or being followed by) people you may never have met. Facebook is a tool for efficiently managing your acquaintances (...)” (Gladwell, 2010).

### **3.1 O Poder das Redes Sociais para a Mudança Social**

A campanha de Barack Obama para as eleições de 2008 foi a primeira tentativa política em grande escala de aproveitar o poder dos media sociais. David Plouffe, gerente da campanha de Obama, disse que a campanha criou um efeito dominó que “used the Internet, text messaging and other forms of communication to build a now-legendary grassroots network of organizers and volunteers.” (David Plouffe<sup>5</sup>).

---

<sup>5</sup> David Plouffe, Diretor da campanha de Barack Obama de 2008 citado por JONES, Jonny (2011), “Social media and social movements”, *International Socialism* (<http://www.isj.org.uk/index.php4?id=722>), pp.3.

Tal como descreve Jones (2010), a campanha foi mais do que um simples sucesso online. A Internet foi usada como um método entre muitos outros para organizar os ativistas, e não simplesmente para os envolver.

Na mesma linha de valorização do papel dos media sociais enquanto organizadores de ação está Steve Wright (2004), que defende que as TIC desempenharam por vezes um papel fundamental na facilitação da organização (em tempo real) de certas formas de ação direta, avançando com o exemplo do fenómeno de ‘train-stopping’ em Itália onde centenas de pessoas se mobilizaram nas semanas anteriores à invasão do Iraque para bloquear o movimento. Para o autor, o aspeto mais notável desta ação foi o uso combinado de uma panóplia de tecnologias de informação e comunicação, tradicionais e novos, para monitorizar o movimento dos comboios em questão e para coordenar a sua disrupção física. (Wright, 2004). Tal como foi argumentado por Wim van de Donk no capítulo introdutório do “Cyberprotest: New Media, citizens and social movements” , “Contemporary forms of protest seem to combine ‘old-fashioned’ technologies such as ‘banners’ with high-tech mobile tools of communication”. (de Donk, 2004). Mais à frente, Kidd confirma esta combinação, apoiada outrora também por outros autores: “The greatest shock to the status quo has not been from sophisticated computer networks, but from the social organization and networking among a myriad of social forces, using all the new and old communications available” (Dorothy Kidd, 2002<sup>6</sup>).

É também de grande importância recordar os protestos iranianos e o “Green Movement” de 2009. Nos protestos que se desenrolaram após as eleições de 2009, muito foi feito através do papel dos media sociais, em particular do Twitter. Alec Ross, Conselheiro para Inovação da Secretária de Estado Hillary Clinton, afirmou mesmo que: “social media had played a key role in organising the protests”<sup>7</sup>. Por outro lado, outros estão menos convencidos do papel desempenhados por estes media nos protestos: “Analysis by Sysomos, a social media analysis company, found only 19,235 Twitter accounts in Iran (0.027 percent of the

---

<sup>6</sup> Kidd, Dorothy (2002) ‘Which would you rather: Seattle or Porto Alegre?’, *Our media’ pre-conference of the International Association for Media and Communication Research*, Barcelona, 20 July citado por Wright, Steve (2004) “Informing, communicating and ICT’s in contemporary anti-capitalist movements”, em Wim van de DONK *et al*, *Cyberprotest: New Media, citizens and social movements*, Routledge, London. pp.91.

<sup>7</sup> Alec Ross, Conselheiro para Inovação da Secretária de Estado Hillary Clinton citado por JONES, Jonny (2011), “Social media and social movements”, *International Socialism* (<http://www.isj.org.uk/index.php4?id=722>), pp.7.

population) on the eve of the 2009 elections.<sup>8</sup>” A verdadeira força do Twitter baseou-se na capacidade que aquele reduzido número de pessoas com acesso à informação fora do Irão de a espalhar e difundir rápida e mundialmente. (Jones, 2010).

O facto de a Internet permitir uma forma de comunicação ramificada contribuiu para a alteração da dinâmica dos grupos ativistas. Se, na modernidade, numa sociedade patriarcal, as lutas sociais mantinham uma hierarquia vertical - como explica Castells (2001)-, as ações online permitiram que esta hierarquia se reorganizasse em rede.

Procedendo a uma analepse, urge destacar a experiência pioneira dos zapatistas que transformaram a comunicação como lugar de uma nova conflitualidade social mediada pela rede. O Movimento Zapatista no sul do México (Laer & Aelst, 2010), que primeiro entrou em confronto com o governo Mexicano em 1993 e que Manuel Castells designou de “o primeiro movimento de guerrilha informacional” (2003), deveu muito do seu sucesso à estratégia de comunicação (Nip, 2004). Este movimento, que ganhou maior relevância em meados dos anos 90, teve origem num grupo de indígenas do sul do México, numa altura em que o país se rendia ao neoliberalismo e em que as economias locais começavam a ser esquecidas. Um distúrbio local rapidamente se transformou num movimento com repercussões transnacionais inaugurado por ações comunicativas viabilizadas pelos circuitos digitais da rede. O Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN) opôs-se publicamente ao Nafta (Tratado Norte-americano de Livre Comércio) em 1994 e, entre mulheres e homens, encapuzados e armados, mostrou ao público o *Ya basta!*, um grito em oposição situação económica e social precária sofrida pelas populações indígenas. Desde a Consulta Nacional pela Paz<sup>9</sup> em 1995, o conflito na região foi deslocado para as conexões da rede e proliferou para o nível internacional: “Todos somos Marcos!”, estes gritos nas manifestações mexicanas refletiram o apoio e a identificação com as reivindicações zapatistas. O I Encontro Intergalático pela Humanidade e contra o Neoliberalismo - em julho de 1996, organizado pelos zapatistas em plena Selva Lacandona - que reuniu mais de cinco mil pessoas de quarenta e dois países – tornou-se um

---

<sup>8</sup> Morozov, Evgeny (2010), *The Net Delusion: How Not to Liberate the World* citado por JONES, Jonny (2011), “Social media and social movements”, *International Socialism* (<http://www.isj.org.uk/index.php4?id=722>), pp.7.

<sup>9</sup> A *Consulta Nacional pela Paz*, 27/08/1995, foi uma oportunidade em que, através de inquéritos, se apresentou seis perguntas a respeito dos anseios do povo mexicano, como por exemplo, se o EZLN se deveria constituir numa força política nova, unir-se a outras. Esta consulta abrangeu 1 milhão e 300 mil pessoas, do México e do mundo, através de várias plataformas, inclusive através da internet. Desta consulta resultou a Frente Zapatista de Libertação Nacional (FZLN), um "braço não armado" do EZLN, presente em várias cidades do mundo.

marco para a luta global dos novos movimentos sociais (Castells, 2003). A partir de então, originou-se um novo ciclo de ações dos movimentos sociais contemporâneos, isto é, de diversas mobilizações globais, para protestos antiglobalização, críticos ao neoliberalismo, nos encontros do G8, do FMI, da OMC e do Bird em Seattle (1997) (Van Aelst & Walgrave 2002; Van Laer & Van Aelst 2010) e em Génova (1998). (Castells, 2003; Bennett, 2004): “Seattle, like most subsequent demonstrations, primarily attracted local and regional activists. However, there is growing evidence that a movement of global scope is emerging through the proliferation of related protests activities” (Lichbach e Almeida, 2001<sup>10</sup>). Neste novo ciclo, tal como afirma Bennett (2004), são de maior importância para os ativistas os media digitais pessoais, como meio de criar redes e coordenar ações através das diversas identidades políticas e das diversas organizações: “One indicator is the expansion of a web-based communication infrastructure, marked, for example, by the growth of the Indymedia activist information network ([www.indymedia.org](http://www.indymedia.org)) from one outlet to more than 100 in the three years following Seattle”(pp.123).

---

<sup>10</sup> Lichbach, M. I. and Almeida, P. (2001) *Global Order and Local Resistance: The Neoliberal Institutional Trilemma and the Battle of Seattle*, Unpublished manuscript, University of California Riverside Center for Global Order and Resistance, citado por Bennett, W. Lance (2004), “Strengths and vulnerabilities of networked politics”, em Wim van de Donk *et al* (orgs), *Cyberprotest: New Media, citizens and social movements*, Routledge, London (pp.123).

#### 4. A REVOLUÇÃO DO EGITO, PRIMAVERA DE 2011

É então compreensível que a imprensa tenha focado a sua atenção nos media sociais enquanto um dos fatores que sustentaram as revoluções árabes. No artigo “The ‘Twitter Can’t Topple Dictator’s’ Article”, Jay Cohen discute a forma como os textos e as intervenções sobre o papel dos media sociais nas revoltas árabes foram rapidamente reduzidas a argumentos simplistas: “It posits that out there somewhere are masses of loud and deluded people—cyber-utopians, they are sometimes called—who think it *is* as simple as “Twitter topples dictators,” or “add Internet and you get revolution.”(Cohen, 2011).

Tais afirmações tendem a reduzir a questão tao pertinente que ocupa e deve ocupar as pesquisas em torno destas revoltas, e que é avançada por Cohen (2010): “how *does* the Internet affect the balance of forces in a contest between the state and people fed up with the state?”

A ideia de que os media sociais desempenharam um papel significativo na coordenação dos protestos tem sido grandemente exagerada, de acordo com a activista Gigi Ibrahim, uma vez que a coordenação entre as organizações acontecia maioritariamente em reuniões cara-a-cara:

The incomparably larger mobilizations which followed 25 January were not because of some qualitative shift in the level of the Egyptian people’s engagement with social media. Rather the confidence people gained from the events in Tunisia combined with the systematic work activists put into leafleting and raising slogans in areas where few people would even have access to the Internet (...). (Jones, 2010: p.8).

##### 4.1 Classe 2.0<sup>11</sup>

No dia 25 de Janeiro o regime egípcio experienciou algo socialmente fascinante. (Jones, 2010). O Egito fez “what many technologists thought was unthinkable for any country with a major Internet economy: It unplugged itself entirely from the Internet to try and silence dissent” (Al Jazeera, 2011). E tal como Jones (2010) afirma, “This did not have the desired

---

<sup>11</sup> No contexto da Era 2.0, caracterizada pela velocidade na mudança dos comportamentos da sociedade, pela globalização das culturas, pelo intercâmbio, e pela redução das distâncias, Classe 2.0 refere-se à camada mais dinâmica, que passa a ser responsável por criar e administrar plataformas de interação das comunidades em rede.

effect, as protests went from strength to strength. What this futile gamble really demonstrates is the class natures of the Internet”.

Uma característica notável dos recentes envolvimento públicos com a Internet é a sua utilização por uma vasta gama de ativistas e grupos empenhando-se em protestos sociais e políticos, dando-lhes um caráter transnacional num curto espaço de tempo:

The Internet is not only said to greatly facilitate mobilization and participation in traditional forms of protest, like national street demonstrations, but also to give the protests a more transnational character by effectively and rapidly diffusing communication and mobilization efforts. (Laer e Van Aelst 2010: 1146).

Como já referi atrás, a revolta do movimento Zapatista é um exemplo do poder da Internet (Laer & Aelst 2010). Começando como uma rebelião local, na luta por mais direitos e autonomia para o povo indígena de Chiapas no sul do México, a causa rapidamente ganhou dinâmica graças à vasta e crescente rede global de apoio que, com sucesso, interligou a rebelião local Zapatista com muitas outras lutas de caráter local contra a globalização neoliberal (Laer e Aelst 2010). A Internet foi decisiva para a difusão global dos protestos, bem para a onda de solidariedade.

Embora a contribuição exata da Internet seja difícil de quantificar, estes exemplos que refiro, do México a Seattle, da campanha de Obama às mais recentes revoltas no mundo Árabe, mostram que a Internet forneceu novas ferramentas à sociedade civil para apoiar e orientar as suas reivindicações. Na literatura, podemos identificar duas sugestões referentes ao papel da Internet na ação coletiva: Por um lado, que a Internet facilita e apoia a ação coletiva tradicional (Offline) em termos de organização, mobilização e transnacionalização e, por outro lado, que cria ela própria novas formas de ação coletiva (Van Laer & Van Aelst 2010): “The internet has indeed not only supported traditional offline social movement actions such as the classical street demonstrations and made them more transnational, but it also used to set up new forms of online protest activities and to create online modes of existing offline protest actions” (Van Laer & Van Aelst 2010: 1147). Assim, podemos afirmar, de acordo com Van Laer & Van Aelst (2010) que se basearam em Tilly (1984 e McAdam et al. (2001), que a Internet se expandiu e complementou o atual repertório de ação coletiva de movimentos sociais.

Não é nossa intenção analisar se os movimentos revolucionários que deram corpo à Primavera Árabe constituem-se como verdadeiros movimentos sociais ou se, pelo contrário, constituíram “apenas” uma onda de insatisfação temporária com o status quo. A nossa pesquisa é bastante limitada e os acontecimentos demasiado recentes para prosseguir com esta



discussão, para já. Confinamo-nos a analisar, desenvolver e avaliar, tendo em conta a contextualização atual da sociedade em rede e a análise das transformações ocorridas na sociedade global atrás desenvolvidas, o contributo da Internet para os elementos e condições que estabeleceram e permitiram a construção da rebelião ocorrida no Egito, tentando desta forma perceber e tornar claro de que forma os novos media ajudaram na proliferação dos eventos. Olhando para o papel desempenhado pelas TIC nos processos de mudança política, será fulcral distinguir duas fases: em primeiro lugar, o seu papel em terminar com regimes antigos e, em segundo, o seu significado na consolidação de transições para a democracia assim que a azáfama revolucionária assenta. Da mesma forma, propomo-nos a explorar o panorama mediático Egípcio em transformação clara e, em paralelo, perceber de que formas é que este mesmo ambiente ajudou a criar, por um lado, e refletiu, por outro, a construção de uma identidade coletiva. Porque a Primavera Árabe, e mais precisamente o que aconteceu no Egito, reflete um contexto político e social, isto é, o contexto contemporâneo, e torna-se indispensável compreender o papel das TIC nesse mesmo contexto, partindo do pressuposto, ou melhor, das evidências, que hoje temos uma tecnologia que está aliada à busca de diferentes identidades e de lógicas de autonomia individual.

## **4.2 Contextos de uma Revolução**

De forma a responder à questão de porque é que os meios de comunicação são como são, devemos primeiro conseguir solucionar a questão de porque é que a relação entre governo e media ocorre (Khamis, 2011). Isto torna fundamental situar o relacionamento complexo existente entre o(s) governo(s) e os media no panorama mediático egípcio que, segundo Sahar Khamis (2011) é de carácter transformativo num contexto histórico apropriado, desenvolvendo desde já uma visão histórica global do sistema mediático do Egito.

Os jovens são o segmento que mais cresce da população dos países árabes, o que torna o Médio Oriente uma das regiões mais jovens do mundo, com uma idade média de 22 anos comparada com uma média global de 28 anos, de acordo com o “The United Nations Development Program” (2009). No entanto, muitos destes jovens estão desempregados, com 33% de juventude que fica em casa. Esta falta de emprego entre os mais jovens, combinada com o nepotismo, corrupção e repressão estatal fez com que o contrato social árabe se tenha fraturado, dando maturidade a muitos países para uma revolução popular. (Niekerk et al, 2011).



O mundo árabe sempre foi um dos primeiros adeptos da tecnologia dos mass media. (Niekerk et al, 2011). O Egito, em particular, é tido como um líder na adoção de tecnologia e também como um país com o maior número de utilizadores da Internet no mundo árabe (Niekerk et al, 2011). Quanto à Tunísia, tem uma das mais desenvolvidas infraestruturas de telecomunicações no Norte de África, com uma grande taxa de penetração móvel e com um dos preços de banda larga mais reduzidos de África. (Niekerk et al, 2011). De uma população de 10.2 milhões de habitantes, 9 em cada 10 tunisinos têm telemóvel. Destes utilizadores, 84% acedem à Internet em casa, 75.8% utilizam a Internet no trabalho, e 24% usam os locais públicos com Internet (OpenNet Initiative, 2009).

Através do discurso político online descontente, a região do Norte de África estava à beira de uma rebelião popular em finais de 2010. A Revolução Jasmim começou em Dezembro e ganhou destaque mundial em Janeiro de 2011 quando o Presidente da Tunísia Ben Ali resignou e fugiu do país. A revolta nacional foi alimentada por duas décadas de má governação e instigada pelo desemprego de jovens graduados. (Niekerk et al, 2011).

Em menos de duas semanas após a queda do governo tunisino, irromperam protestos antigoverno em massa no Egito, inspirados naqueles que tiveram sucesso na Tunísia. Novamente, as redes sociais e meios de comunicação online e os telemóveis aparecem como chave na organização dos protestos, que resultaram dos altos níveis de desemprego, pobreza e aumento do custo de vida. E tal como no caso da Tunísia, o Presidente Hosni Mubarak estava no poder egípcio por um período muito extenso, neste caso três décadas. (Niekerk et al, 2011).

Os protestos quer na Tunísia quer no Egito basearam-se grandemente nos media sociais para informar e coordenar os protestos, ao que as autoridades tunisinas responderam com a entrada nas contas de muitos utilizadores de redes sociais com o objetivo de eliminar quem participava e encorajava os protestos antigoverno (Kessler, 2011). No caso Egípcio, que nos vamos focar com maior detalhe, a resposta das autoridades foi desligar os serviços de Internet e redes móveis em todo o país (Kravets, 2011). Mas a determinação de um povo não se consegue censurar, e tal como argumenta Niekerk et al (2011), “It appears that once the uprisings had gained momentum, the involvement of social media was not as important as it had been in the early stages.”

Antes da revolução de 1952, o Egito era uma monarquia que vigorava ao sabor das regras otomanas, e lutava contra a ocupação francesa e britânica. Este contexto político teve impacto nos meios de comunicação tradicionais, refletindo a luta contra as regras otomanas e contra a ocupação externa. Para além de esta ser também uma época de uma saúde e

diversidade intelectual e cultural, uma vez que os jornais providenciavam plataformas para os escritores e pensadores contribuírem literariamente, da mesma forma se testemunhou o nascimento de uma imprensa partidária dinâmica e forte. Esta cena mediática pluralista e vibrante rapidamente lidou com trágicos desenvolvimentos. Quando um grupo de oficiais do exército derrubou a monarquia e instalou o poder, tornando o Egito numa República, o ambiente mediático que prevalecia antes da revolução de 1952 foi substituído por um muito mais restritivo: “In this new era, all media fell under strict governmental supervision, control and ownership. Newspapers of the pre-1952 era started to disappear (...) and many journalists were jailed” (Khamis, 2011: 1160).

A era do Presidente Gamal Abdel Nasser, em particular, foi caracterizada por uma liderança autocrática, exercendo uma política de mão-de-ferro com os seus adversários, e constituiu um recuo em termos das liberdades gozadas pelos vários meios de comunicação, uma vez que os controlou deliberadamente de forma a mobilizar as pessoas em torno das políticas e ideologias do governo. Depois da morte de Nasser, com Anwar Sadat na presidência, em 1970, legitimou-se o nascimento de partidos políticos e a sua publicação dos próprios jornais, no entanto: “The press system changed several times, both toward and away from more diversity and freedom of expression. Sadat’s attitude toward the press, and toward freedom of speech generally was... ambivalent” (Rugh 2004<sup>12</sup>).

Assim, uma era que começou com garantias de liberdade e pluralização política e mediática, terminou com medidas restritivas contra os opositores e contra as suas publicações. Atitude ambivalente que continuou com o Presidente Hosni Mubarak, que assumiu o poder em 1981, e que fez com que os três presidentes muito tivessem em comum em termos de liderança e nos seus relacionamento com o sistema mediático.

Não obstante, uma cena mediática mais pluralista começa a ganhar corpo no panorama egípcio, com a introdução da televisão por satélite e com o nascimento de pequenos jornais de oposição ao lado dos três diários semioficiais: “Al Ahram”, “Al Akhbar” e “Al Gomhoria”, e em 1993, com a introdução e conseqüente difusão do acesso à Internet, e com o conceito emergente de blogs e as várias formas de comunicação social online, como o Facebook e o Twitter.

---

<sup>12</sup> Rugh, W.(2004), Arab mass media: Newspapers, radio, and television in Arab politics. Westport, Connecticut: Praeger, citado por Khamis, Sahar (2011), “The Transformative Egyptian Media Landscape: Changes, Challenges and Comparative Perspectives”, International Journal of Communication, (Online), (V), pp.1160. Disponível em: <http://ijoc.org/ojs/index.php/ijoc/rt/captureCite/813/592>

(...) the introduction of these new media outlets signified a shift away from a highly monolithic media scene to a more pluralistic one. However, it was not until the 2011 revolution that the proliferation of these new media aided a genuine shift toward political reform in Egypt (Khamis, 2011: 1161).

Para além da relação complexa e muitas vezes ambivalente entre a imprensa e o Estado no Egito, oscilando entre pólos de liberdade de imprensa e de repressão governamental, o ritmo da mudança na arena mediática foi muito mais rápida do que na arena política (Khamis, 2011), o que levou a um desenvolvimento assimétrico entre a liberdade de imprensa e a liberdade política. Neste contexto, Khamis (2011), avança com um conceito já abordado por Iskander (2006), o conceito de *media schizophrenia*: “(...) because of the wide gap between the very loud, critical or even angry voices heard through alternative media avenues in Egypt and the absence of true democratic practice and actual political participation.” (Khamis, 2011: 1162).

Desta forma, Khamis (2011) argumenta que os meios de comunicação egípcios estavam a agir grandemente como válvulas de segurança que permitiam ao público desabafar a sua raiva e frustrações relativamente a muitas falhas e injustiças políticas, económicas e sociais, especialmente devido ao facto de que às pessoas não lhes era garantida a oportunidade de exercer verdadeiros direitos políticos, o que forneceu um interessante paradoxo, dado que os novos media substituíram, em vez de promoverem, uma verdadeira prática democrática e o exercício de reais direitos políticos: “ (...) if the public were offered some avenues through which to vent anger and frustration, more drastical actions, such as protesting or revolting, could be avoided or at least delayed.” (Khamis, 2011: 1162).

Um outro fenómeno que ilustrador da cena mediática do Egito, pauta-se pela coexistência de uma esfera oficial em contraponto a uma esfera popular, com visões oficiais representativas das políticas e posições do governo, ao lado de visões populares diversas, que normalmente provêm de canais de comunicação privados, independentes, como os blogs (Weyman, 2007) e outros tipos de media sociais, como o Facebook e o Twitter (Khamis, 2011). Niekerk et. al (2011) cita o argumento de Etling et al. (2010) de que “while offline political speech is highly regulated in Egypt, political discourse is very evident in the blogosphere”. Este paradoxo significou a maior divisão entre as tais esferas oficiais como as instituições governamentais e os seus media controlados e as esferas populares: “This gap was evident in that the political upheaval which toppled the Mubarak regime came about with the help of non-mainstream communication.” (Khamis, 2011: 1163).

### 4.3 A Mobilização Pública

A revolução popular que pôs termo ao governo de 30 anos do Presidente Hosni Mubarak revelou claramente o potencial dos novos media, especialmente os meios de comunicação social online, na criação de uma sociedade civil ativa e vibrante que, de outra forma, seria impossível, devido à repressão governamental aos grupos religiosos e políticos e às suas formas diretas e indiretas de controlo sobre os media (Khamis, 2011). Tal como afirmam Manrique & Mikail (2011) “(...)there is a broad consensus that new communication tools, which enable individuals broadly to share information played an important role as accelerators of the social protests that ended the Mubarak and Ben Ali regimes.” (pp. 2).

O papel desempenhado por estes media mais se assemelha, segundo Khamis (2011), com o processo de “Public will mobilization” definido por Salmon et al. como “a social force that can mobilize organically, or with external support and influence, to become a political lever for social change [it] has the potential, if adequately resourced, organized, and mobilized, to serve as the impetus for social change” (Salmon *et al.* 2010<sup>13</sup>).

O papel dos novos media durante a revolução egípcia foi especialmente importante em três formas interligadas: permitindo o cyberativismo, um grande motivador para o ativismo de rua; encorajando ao empenho cívico, permitindo a mobilização e a organização de protestos e outras formas de expressão política; e promovendo uma nova forma de jornalismo cidadão, que forneceu uma plataforma para os cidadãos comuns se expressarem. (Khamis, 2011). Surgiu a necessidade de encontrar uma ligação entre a angústia pública e os ressentimentos do regime e uma verdadeira mobilização para trazer mudanças verdadeiras: “Political activism in the real world, aided by cyberactivism in the virtual world, found this link, transforming the role of new media in Egypt from just safety valves to effective mobilization tools.” (Khamis, 2011: 1164).

Se muitos movimentos de protesto já ativos na arena política egípcia falharam na efetivação de uma mudança real porque não conseguiram alcançar a vontade do pública a uma escala massiva, o caso da revolução popular de 2011 teve outros contornos, uma vez que o

---

<sup>13</sup> Salmon, C. T., Fernandez, L., & Post, L. A. (2010). Mobilizing public will across borders: Roles and functions of communication processes and technologies. *Journal of Borderlands Studies*, 25 (3&4), 159–170, citado por Khamis, Sahar (2011), “The Transformative Egyptian Media Landscape: Changes, Challenges and Comparative Perspectives”, *International Journal of Communication*, (Online), (V), pp.1163. Disponível em: <http://ijoc.org/ojs/index.php/ijoc/rt/captureCite/813/592>.

uso das novas tecnologias ajudou a publicitar o protesto e a assegurar uma base popular de apoio. Três grupos, que combinaram o ativismo de rua com o cyberativismo, foram protagonistas nos esforços de mobilização pública: o “National Coalition for Change”, “The April 6 movement”, e o “We are all Khalid Said”.

De acordo com Ishani (2011) e Nelson (2008), estes movimentos que estavam ativos desde 2005, usaram telemóveis, blogs, Twitter, Facebook e Youtube de forma a documentar os excessos e a brutalidade da polícia, a organizar reuniões e protestos e a alertarem-se uns aos outros dos movimentos policiais.

In brief, we can clearly see the multiple roles performed by new media during the revolution in terms of raising public awareness, testing public opinion trends, rallying support for a political cause, triggering public mobilization, boosting civil engagement, and enabling citizen journalism. (Khamis, 2011: 1164).

Os ativistas políticos egípcios usaram as tecnologias digitais para difundir informações gerais, mobilizar protestantes, criar um planeamento coletivo, protegendo-se da censura e controlo estatais. Com estas funções combinadas numa rede efetiva de comunicação durante a revolução de janeiro de 2011, torna-se fácil compreender como os ativistas egípcios ganharam a sua batalha contra o regime. (Khamis, 2011).

Em “Reflections on the Revolution in Egypt”, Richard Haas avança com uma visão mais alargada referente às causas da revolução: “(...) social media are a significant factor, but their role has been exaggerated. (...) And like these earlier technologies, social media are not decisive: they can be repressed by governments as well as employed by governments to motive their supporters.” (Haas, 2011).

No seu artigo que explora a possível utilidade da teoria da mobilização dos recursos para melhorar a compreensão sobre a revolução egípcia, Nahed Eltantawy e Julie Wiest (2011), concluem que existem poucas dúvidas de que os media sociais desempenharam, de facto, um papel fundamental na revolução. Os novos meios de comunicação introduziram um novíssimo recurso que ofereceu suavidade na receção e na disseminação de informação, que ajudou a construir e a reforçar os laços entre os ativistas, e que aumentou a interação entre protestantes de todo o mundo, demonstrando assim as oportunidades que este novo recurso oferece para a mobilização a larga escala e para a organização e implementação de movimentos sociais. (Eltantawy & Wiest, 2011).

Devemos notar que, durante a revolução, uma crise de credibilidade emergiu em relação aos media estatais, o que, eventualmente, levou à enorme pressão para abolir o Ministério de Informação Egípcio, na esperança de criar um sistema mediático

verdadeiramente livre e liberal (Khamis, 2011), por muito que esta saída de Mubarak constitua um desenvolvimento significativo mas não decisivo. Na verdade, este acontecimento encerra uma era prolongada de políticas egípcias (Haas, 2011), e marca igualmente o final da primeira fase da revolução: “But it’s only the end of the beginning. What begins now is the struggle for Egypt’s future”. (Haas, 2011).

Não obstante, a revolução egípcia implicou não só uma luta política, mas também uma luta comunicativa entre o governo e os ativistas (Khamis, 2011). A discrepância entre a realidade e a cobertura distorcida pela televisão egípcia no decorrer dos protestos, que os minimizou e não refletiu uma imagem correta do que se passava nas ruas, esteve em claro contraste com a cobertura contínua, compreensiva e detalhada da Al Jazeera. Desta forma uma vez que os protestos começaram a ameaçar o regime de Mubarak, o estado usou um método agressivo para impedir o acesso à internet e aos telemóveis. No dia 28 de Janeiro de 2011, o governo egípcio desligou os serviços de Internet e de telefone no país inteiro, resultando num blackout que durou quase uma semana. (Ishani, 2011; Khamis, 2011), fazendo com que os ativistas e cidadãos comuns encontrassem meios alternativos de comunicação que os ajudasse a estar informados e a fazer-se ouvir no resto do mundo. “The Egyptian people should be given credit for being both resilient and creative in circumventing the government’s blockages of various media outlets and means of communicating during the revolution.” (Khamis, 2011: 1165). Na falta de Internet, as pessoas estavam com medo de um massacre, tomando as ruas em grande número para se protegerem: “And, when young activists were not able to find their friends and counterparts on Facebook, they went to Tahrir Square. (...) the lack of information in the virtual world fueled activism in the real world (...)” (Khamis, 2011:1166).

Embora os ativistas egípcios tenham combinado a sua forte determinação para a mudança com o uso efetivo dos novos media para alcançar a reforma e a democratização, o governo combinou a sua estratégia política débil com uma igual estratégia de comunicação não efetiva que, não só falhou no controlo do ativismo, como o alimentou. (Khamis, 2011).

Having used Facebook, mobile phones, YouTube, or just word-of-mouth, a number of people – computer literate and analphabetic alike – gathered in the streets, protested, and some eventually died. But they won their peaceful and unarmed uprising; they won their revolution. (Allagui & Kuebler, 2011).

Os egípcios não se juntaram nas ruas para expor as suas visões ou opiniões políticas nem para demonstrar solidariedade com os seus partidos ou com os líderes que seguiam. Em vez disso, mobilizaram-se por duas razões, segundo Allagui & Kuebler (2011): primeiro, pela

dor que partilhavam devido às difíceis condições socioeconómicas. O desemprego, o aumento do custo de vida, as desigualdades entre classes, a censura, que estavam na raiz das humilhações e frustrações do povo egípcio. Também as condições económicas deploráveis, a corrupção, e as repressões sociais representaram enormes fatores de motivação para estas ações de revolta. A segunda razão, igualmente importante, assenta no fluxo das redes às quais as pessoas pertencem: redes de amigos, família, trabalho, escola e as da Internet. Estas redes criaram um espaço de reciprocidade, e provaram o poder das relações sociais para o ativismo social, no contexto dos movimentos árabes:

The solidarity among members of networks challenged dictators, their online censors, and the offline police. (...) created revolutionary content on their mobiles and digital media, and they distributed this same content to their friends, families, and members of other networks. This content distribution reached the mainstream media and satellite channels (...). (Allagui & Kuebler, 2011: 1436).

Estas pessoas alinharam-se contra o seu inimigo, o Presidente, e as suas atitudes e crenças mudaram devido ao seu envolvimento político. Uma revolta e um patriotismo partilhado pela população em geral, que se refletiram na forte utilização das tecnologias de comunicação, por um lado, e pela tomada das ruas, por outro. “Communications technologies empowered citizens, some of whom used these technologies spontaneously and not strategically.” (Allagui & Kuebler, 2011: 1436).

Focando-nos na organização virtual (Allagui & Kuebler, 2011) destes eventos, a partir da perspectiva de rede de Castells (2007), torna-se mais fácil compreender a estrutura desta cyber revolução. As páginas de redes sociais utilizadas para ajudar a disseminar a informação e conteúdo não trabalharam de forma isolada e independente; foram apoiadas e suportadas por blogs, sites interação social e instituições mediáticas. “Appropriating the new forms of communication, people have built their own system of mass communication, via SMS, blogs, vlogs, podcasts, wikis, and the like,” (Castells, 2007: 246, 247). Quando os governos bloquearam e censuraram os websites de oposição ao regime, os servidores de Internet foram movidos para outros países: “(...) for example, Tunisians offered hosting to Egyptian pages and sites.” (Allagui & Kuebler, 2011: 1436). O que, tal como argumenta Castells (2007), ajuda na alteração do poder do estado para a sociedade em rede, e Howard (2011) desenvolve: “The power to control information no longer resides exclusively with the institutions of the



state; it resides in media networks; and media networks are constituted by social relations and communication technologies.” (Howard, 2011<sup>14</sup>).

Assim, torna-se oportuno e interessante pensar as novas tecnologias de informação e comunicação como armas de democratização. Durante o século passado, o mundo testemunhou ondas de democratização penetrarem em locais por vezes surpreendentes. A última grande onda desmoronou o muro de Berlim e levou a democracia a países de bases comunistas na Europa de Leste e a outras partes do globo. Até 2010, apesar de alguns países terem deslizado outra vez na direção de uma ditadura, aproximadamente três quintos dos países de todo o mundo eram governados por alguma forma de democracia. (Howard et al, 2011). E em 2011, uma nova onda se estava a infiltrar numa região que permanecia notavelmente desprovida de um caráter democrático: o Norte de África e o Médio Oriente. Os movimentos de democratização já existiam muito antes de tecnologias como telemóveis ou Internet terem chegado a estes países, no entanto, as tecnologias ajudaram de facto as pessoas interessadas na democracia e numa possível democratização a construir redes extensas, a criarem capital social e a organizarem ações políticas. “Technology may not have created the desire for political freedom, but it is a tool democracy advocates have used to their advantage.” (Howard et al, 2011: 5).

Uma das razões pela qual a tecnologia é apontada como uma ferramenta efetiva dos defensores da democracia na Tunísia e no Egito reside no facto, atrás desenvolvido, de que ambos os países têm uma população jovem experiente tecnologicamente. E para além de permitir aos jovens a se organizarem, a tecnologia facilitou a crescente participação das mulheres nas conversas políticas. O número de utilizadores de Facebook do sexo feminino atinge valores de 41% na Tunísia, e de 36% no Egito (Howard et al, 2011). As mulheres também participaram ativamente nos debates políticos no Twitter, e foram notavelmente presentes nos encontros nas ruas, quer na Tunísia quer no Egito:

(...) social media is increasingly viewed as an important tool for women’s empowerment in the Arab region. Social media allowed women to take on a new form of leadership focusing on utilizing connections and networks. (...) Arab women were not merely cyber activists, but were documented as active participants on the ground. (Fadi Salem & Racha Mourtada, 2011: 2)

---

<sup>14</sup> Howard, P. N. (2011). Castells and the media: Theory and media. Cambridge: Polity Press, citado por Allagui, Ilhem e Johanne Kuebler (2011), “The Arab Spring and the Role of ICTs. Editorial Introduction”, *International Journal of Communication*, (Online), (V), pp.1437. Disponível em: <http://ijoc.org/ojs/index.php/ijoc/article/download/1392/616>



#### 4.4 A Participação Cívica das Mulheres Árabes – O Recurso às Novas Ferramentas de Comunicação

Quer enquanto um potenciador, quer enquanto um resultado das revoltas no mundo árabe, nesta análise não poderemos deixar de referir a conexão existente entre a utilização dos media sociais por parte das mulheres e o fortalecimento da sua participação política e cívica. Entre muitas iniciativas criativas referentes aos novos media, dois exemplos da segunda metade de 2011 de mulheres a recorrer aos media sociais para criarem mudança nas suas comunidades e países devem ser destacados: a campanha da Arábia Saudita “Women2Drive”<sup>15</sup> e a iniciativa egípcia “HarassMap”<sup>16</sup>, cujas linhas de orientação estão focadas, respetivamente, no direito das mulheres conduzirem na Arábia Saudita, e no aumento da consciencialização e no combate ao assédio sexual da mulheres no Egito.

As transformações sociais e políticas que tiveram (e continuam a ter) lugar na região desempenharam um papel instrumental e fundamental para o desafiar de estereótipos referentes às mulheres árabes enquanto oprimidas e subservientes (Power, 2011). Em particular, o papel de liderança que as mulheres tiveram na orquestração e participação em movimentos sociais na Tunísia, Egito e Iémen, cimentou de facto a sua posição enquanto parceiros iguais aos homens na transformação das paisagens políticas nos seus países, sendo que o reconhecimento mais evidente desse papel de liderança foi a concessão de um Prémio Nobel da Paz a uma mulher árabe, Tawakkul Karman, uma ativista política do Iémen (Fadi Salem & Racha Mourtada, 2011).

Por outro lado, opiniões diferentes surgem com o desenrolar dos acontecimentos e sugerem que as esperanças de liberdade no Egito continuam ainda por cumprir: “As Egyptians prepare to go to the polls on 23-24 May and vote in the country’s first properly free presidential election, many of their expectations for a liberated Egypt remain unfulfilled.” (Hashash, 2012). As cenas de homens e de mulheres que marchavam lado a lado durante os

---

<sup>15</sup> Presença Online:

<http://twitter.com/W2Drive/>

<http://www.facebook.com/SaudiWomenSpring>

<sup>16</sup> Presença Online:

<http://harassmap.org>

<http://blog.harassmap.org>

<http://twitter.com/harassmap>

protestos das massas para derrubar o Presidente Hosni Mubarak, durante a Primavera de 2011, alimentou verdadeiras esperanças de que um Egito pós-revolucionário pudesse oferecer maiores oportunidades para as mulheres. Pelo contrário, cerca de um ano depois, estas enfrentam um crescente número de ameaças (Hashash, 2012): “The revolution was supposed to improve things for women, in fact the situation appears to be changing for the worse.” (Irine Zareef<sup>17</sup>).

Não obstante, de acordo com os resultados de pesquisas regionais avançados pelo “Arab Social Media Report” (2011), os novos media são cada vez mais vistos como uma ferramenta importante para um poder cada vez maior das mulheres na região árabe. Estes estudos – “Arab Social Media Report” – elaborados pela Dubai School Of Government’s Governance and Innovation Program, pretendem analisar e fornecer um melhor entendimento sobre o impacto dos media sociais no desenvolvimento e no crescimento do mundo árabe. Baseado em dados do segundo e terceiro quartel de 2011, a edição do relatório de novembro de 2011, analisa informações sobre utilizadores de Twitter e Facebook em 22 países árabes e explora o papel destes novos instrumentos comunicacionais no fortalecimento do género feminino. Neste âmbito, os resultados demonstram que muitas das respostas de homens e mulheres utilizadores dos novos media foram similares, indicando, por isso, que estas redes de conexão comunicacionais podem ser vistas como um “equalizador de género” (“gender equalizer”). Homens e mulheres árabes concordam, em grande parte, em questões relacionadas com os novos media e as suas implicações para as mulheres, bem como para a participação cívica: “They use social media in similar ways and have similar opinions on the role that social media can play in women’s empowerment” (Fadi Salem & Racha Mourtada, 2011: 11).

Apesar da diferença de género existente no mundo árabe, no que toca à utilização dos novos meios de comunicação social, confirmada pelo “Arab Social Media Report” (2011), um dos resultados principais deste mesmo estudo, que contrasta com a ideia anterior, incide na visão partilhada dos media sociais enquanto um importantíssimo instrumento para o crescente poder das mulheres: “The majority of respondents felt that social media has the potential to be an empowering and engaging tool for women, whether in social, economic, legal, political or civic arenas.” (Fadi Salem & Racha Mourtada, 2011: 11). Neste sentido, os media sociais

---

<sup>17</sup> Irine Zareef, diretora de programas do Centro Egípcio dos Direitos das Mulheres (ECWR), citado por Hashash, Sara (2012), “Women and the Arab Spring -Hopes for freedom in Egypt remain unfulfilled”, *Newstatesman*, (Online). Disponível em:

<http://www.newstatesman.com/blogs/middle-east/2012/05/women-and-arab-spring>

podem constituir-se enquanto potenciais agentes de mudança no sentido em que podem providenciar um maior poder às mulheres no mundo árabe, atuando enquanto um meio que pode desencadear importantes alterações e oferecer novas abordagens para lidar com estes desequilíbrios (Fadi Salem & Racha Mourtada, 2011).

O que se torna evidente é que as revoluções árabes tomaram os líderes de surpresa, e tiveram sucesso – pelo menos na Tunísia e Egito – em grande medida, devido a uma mudança mais difusa e lenta que já acompanhava a geração anterior: a revolução de género. Cada vez mais qualificadas, organizadas e em rede, as mulheres muçulmanas, recorrendo a fontes como o Alcorão e leis internacionais de direitos humanos, começaram a questionar o status quo político, social e religioso dominante no Médio Oriente. Começaram a desafiar o sexismo e as injustiças, quer em casa, quer na mesquita, e equiparam-se para sair à rua e protestar contra as ditaduras (Power, 2011).

Nesta medida, para além dos novos meios de comunicação social terem desempenhado um papel fulcral para a formação dos debates políticos durante a Primavera Árabe, ajudaram também a alastrar e divulgar ideias democráticas através das fronteiras internacionais. Para além de um sentimento que anseia pela democracia, fomentado através dos espaços virtuais e reais, de interação em rede e contacto direto com o resto do mundo, os ativistas egípcios e de toda a região insistem que os direitos das mulheres são intrínsecos às reivindicações populares de justiça social e democracia (Power, 2011): “It’s important to see women’s rights as political rights (...) But we don’t expect it to be easy.” (Hassan, 2011<sup>18</sup>).

---

<sup>18</sup> Mozn Hassan, diretor do grupo Nazra, com sede no Cairo, para Estudos Feministas, citado por Power, Carla (2011), “Silent No More: The Women of the Arab Revolutions”, *Time*, (Online). Disponível em: <http://www.time.com/time/world/article/0,8599,2059435,00.html>.

## 5. A MOBILIZAÇÃO DOS RECURSOS

Analisados os fatores, intervenientes, contextos e opiniões díspares sobre o que ficou mundialmente conhecido como a Primavera Árabe, a teoria da mobilização dos recursos, e a sua reexaminação por Nahed Elatantawy e Julie B. Wiest (2011), constitui um enquadramento propício para explicar a utilidade e os impactos das tecnologias dos meios de comunicação social nos movimentos sociais, devido à ênfase que é dada aos contextos sociais, históricos e políticos de ação coletiva, bem como a utilidade e interação dos recursos disponíveis: “Some scholars have suggested modifications of the theory (...) and the increasing use of social media technologies in social movements presents an opportunity to re-examine the utility of resource mobilization in a contemporary context.” (Elatantawy & Wiest, 2011: 1209).

Na tentativa de explorar o potencial desta teoria na compreensão dos movimentos sociais contemporâneos, a pertinência desta reconsideração teórica prende-se com o que os autores se propuseram explorar, e que, no âmbito desta dissertação, também nós nos propomos. Avançando desde já, em tom quase conclusivo – resultado de toda a pesquisa –, com o argumento de que os novos meios de comunicação social foram, não os grandes impulsionadores das revoltas no mundo árabe, mas um entre os muitos importantíssimos recursos que levaram ao desenrolar dos acontecimentos que marcaram esta região em 2011, propomo-nos assim, a expor a forma como estes novos media foram utilizados enquanto um recurso, e estabelecer de forma clara as condições que sustentaram os protestos antigoverno no Egito.

A Teoria da Mobilização dos Recursos (TMR) baseia-se na noção de que recursos – como tempo, dinheiro, capacidades organizativas, e certas oportunidades sociais e políticas – são fundamentais para o sucesso dos movimentos sociais (Elatantawy & Wiest, 2011). A TMR surge nos anos 60, num contexto de oposição à teoria do comportamento coletivo – que se centrava na observação das mobilizações coletivas como ações irracionais originadas por crises e disfunções em determinados níveis do sistema social (Nunes, 2011) –, tratando os movimentos sociais como normais, racionais, e como atividades institucionalmente enraizadas que são estruturadas e padronizadas, permitindo assim, a análise em termos de dinâmica organizacional (Elatantawy & Wiest, 2011).

Contrastando com as variáveis psicológicas que eram consideradas por outras teorias de movimentos sociais, a Teoria da Mobilização dos Recursos foi a primeira a reconhecer a

importância de influências fora do movimento social em estudo (Eltantawy & Wiest, 2011), pelo que se torna pertinente para o objetivo deste estudo a sua reconsideração, com base na categorização da revolução egípcia, avançada por Nahed Eltantawy e Julie B. Wiest (2011), enquanto um conjunto de atividades e de condições que originaram e definiram os protestos antigoverno ocorridos entre 25 de Janeiro e 11 de Fevereiro de 2011, levando à renúncia do presidente egípcio, Hosni Mubarak.

Analisados os contextos da revolução, no ponto 4.2, em que o clima sócio político e económico era sufocante, as eleições presidenciais e parlamentares careciam de transparência, a corrupção crescia no seio do corpo governamental, e em que as condições políticas para os egípcios eram opressivas, percebemos que a localização privilegiada da *Tahrir Square*, a morte de Said, e a inspiração na revolução tunisina<sup>19</sup> que terminou com a queda do Presidente Bem Ali, se tenham constituído como elementos fulcrais que reforçaram uma identidade coletiva, e conseqüente revolução egípcia.

Além de recursos como um conjunto de cidadãos motivados e disponíveis para se reunirem em massa (Eltantawy & Wiest, 2011), um recurso igualmente importante para as revoltas do Egito que foi efetivamente utilizado, como já sabemos, foram os novos meios de comunicação social: “Resource mobilization theory makes clear that both the availability of resources and actors’ efficacy in using them effectively are essential.” (Eltantawy & Wiest, 2011: 1212). A Internet foi, de facto, uma ferramenta imprescindível para os ativistas obterem e trocarem conhecimentos para melhor prepararem os protestos de 25 de janeiro, sendo que, para além de terem sido criados blogs e páginas de Facebook egípcias para disseminar informações e que funcionaram enquanto recursos organizacionais dos protestos, estas também foram fundamentais para seguir de perto todas as atualizações referentes à revolta tunisina.

Mas embora significativa, claramente os media sociais não foram a única força a conduzir a revolução, o que se tornou especialmente evidente, desenvolvido no ponto 4, quando os esforços do governo para enfraquecer os protestos com um apagão de comunicações pareceram apenas ter reforçado a determinação dos protestantes e aumentado o número de egípcios que se juntaram aos protestos, uma vez que quando um meio de

---

<sup>19</sup> O Egito e a Tunísia são vizinhos no Norte de África, separados pela Líbia e com vista para o Mar Mediterrâneo. Ambos são de maioria muçulmana, partilham a língua árabe e forma ambos governados por ditaduras durante décadas. Semelhanças que ajudam a explicar o interesse egípcio nos eventos – de sucesso – na Tunísia (Eltantawy & Wiest, 2011).

comunicação está bloqueado, as pessoas recorrem a outras formas de comunicar, tal como explicou uma repórter da BBC que estava no terreno (Eltantawy & Wiest, 2011):

I was in Tahrir Square on Sunday: everywhere you look there are mobile phones, handwritten placards, messages picked out in stones and plastic tea cups, graffiti, newspapers and leaflets, not to mention al-Jazeera's TV cameras which broadcast hours of live footage from the square every day. When one channel of communication is blocked, people try another. (Alexander, 2011).

As mensagens escritas e as imagens que circularam no Facebook e nos blogs, pareceram reforçar a identidade coletiva dos egípcios no mundo, que suportaram a luta contra um regime ditatorial. Esta identidade no ciberespaço pareceu chegar num ápice aos egípcios por todo o mundo imediatamente após o anúncio de resignação de Mubarak. Em segundos, tweets transmitiam júbilo, orgulho e emoção. El Baradei escreveu no seu twitter: “Today Egypt is free. God bless the people of Egypt.” (Eltantawy & Wiest, 2011: 1218).

As tecnologias de comunicação social permitiram a rápida disseminação das notícias da queda de Mubarak, e foram importantes fatores na unidade palpável expressa pelos egípcios, tanto nas ruas como no ciberespaço. Este forte sentimento de pertença a uma causa, passado mais de um ano, é ainda hoje sentido da mesma forma, quando lemos mensagens no Twitter como: “#Justice May visit the land of #Egypt today, history will witness that. #MubarakTrial #مصر #jscmisr #tahrir. Mona Shahiem” e “The best thing that is going on now in #Egypt that you can talk to anyone in the street about #democracy & #media\_role & u get aware answers. Mona Shahiem”, aquando da sentença de prisão perpétua lida a Hosni Mubarak, no dia 2 de junho de 2012, pela morte de 850 manifestantes nos protestos que o derrubaram em 2011.

## 6. CONCLUSÃO

Todas as sociedades são caracterizadas, não só por modelos informacionais, mas também por modelos comunicacionais (Cardoso, 2008), pelo que as nossas Sociedades de Informação têm testemunhado o nascimento de um novo modelo comunicacional. De um modelo de comunicação baseado na comunicação de massa, transportamo-nos hoje para um modelo baseado na comunicação em rede, que não substitui os modelos anteriores, mas antes articula-os, produzindo novas formas de comunicação e “permitindo novas formas de facilitação de maior poder individual e, conseqüentemente, autonomia comunicativa” (Cardoso, 2008: 619). Nas Sociedades de Informação, em que a rede é a característica organizacional principal, o modelo de comunicação é caracterizado pela fusão de comunicação interpessoal e de massa, e por uma conexão infundável no âmbito de uma matriz de dispositivos de comunicação em rede (Cardoso, 2008).

As culturas que estão a ser criadas no contexto da crise atual, as culturas de pertença em rede, crescem no contexto de uma rede de indivíduos geograficamente diversa e heterogénea, cuja ação é construída na direção da mudança social com novas perspectivas culturais de propriedade, produção, distribuição e socialização. O papel destas mudanças culturais, produzidas pela apropriação das tecnologias em rede e dos produtos digitais, parece ter tido também uma influência fulcral na forma como os movimentos sociais ou grupos de pessoas, desta geração que funciona em rede, decidiram ser ouvidos (Cardoso, 2012).

Até recentemente, teorizou-se sobre as promessas das tecnologias de redes sociais (Castells, 2002, 2004, 2011), incluindo sobre a sua capacidade de influenciar um modelo de governação participativo, de empenho cívico (Dahlgren, 2009), de novas dinâmicas sociais, de sociedades inclusivas e de novas oportunidades para negócios e empreendedores. A partir do início de 2011, as evidências foram tornando claro que estas promessas podem ser reais. Hoje, as ferramentas de media sociais fundiram as identidades online e offline, desempenhando um papel fundamental nas profundas mudanças que se espalharam pela região Árabe.

O que é ainda discutível é o nível de contribuição que os media sociais tiveram para as rebeliões, pelo que se tornou imperativo nesta dissertação de mestrado explorar o nível do contributo dos supra mencionados, e de que forma estas novas ferramentas se constituíram

como um dos fatores - um dos recursos -, para um dos movimentos que deu corpo à Primavera Árabe, a revolução egípcia de 2011.

O crescimento dos media sociais e da sua utilização na região, desempenhou um papel fulcral para a mobilização, para a formulação de opiniões e para influenciar à mudança. Um massa crítica de utilizadores jovens e ativos existe, hoje, no mundo árabe. (Salem & Mourtada, 2011a). Desde 2009, que os ativistas se empenharam em discussões online e debates sobre as condições sociopolíticas, que se tornaram uma força para o avançar da revolução. O debate, a organização e o planeamento não é um fenómeno novo em si, no entanto, os meios empregues para a comunicação e execução da revolução representam um novo recurso importante para a ação coletiva e para a construção de uma identidade comum, reforçando os laços entre os ativistas e favorecendo a interação entre os protestantes. De facto, as ferramentas de media sociais introduziram a rapidez e a interatividade que não eram alcançáveis através dos recursos tradicionais de mobilização, constituindo-se como um recurso instrumental da maior importância para a mudança social.

Não obstante, considerámos igualmente fundamentais para o objeto de estudo – a mudança social e ação coletiva no Egito -, a poderosa influência das condições externas, em particular os contextos sociais, políticos, históricos e mediáticos do movimento, a disponibilidade e a interação dos recursos, bem como a clara eficácia dos atores ao utilizar os recursos disponíveis (Eltantawy & Wiest, 2011), pelo que a reconsideração da Teoria da Mobilização dos Recursos (Eltantawy & Wiest, 2011) ajudou na compreensão da revolução egípcia, e poderá servir como um ponto de partida para futuras pesquisas sobre movimentos sociais e políticos contemporâneos.

Uma avaliação final sobre o papel dos novos media nos movimentos da sociedade civil árabe, em especial na egípcia, e sobre o papel que irão desempenhar na mudança das formas pelas quais os governos interagem com as sociedades na região, poderá ser ainda precipitada. Mas uma questão tornou-se clara, dada a população jovem e dadas as taxas de penetração cada vez maiores, os media sociais continuarão a desempenhar um papel central qualquer que seja a evolução política, social, económica e mediática na região árabe.



## 7. Bibliografia

Aelst, Peter Van e Stefaan Walgrave (2002), “New Media, New Movements? The Role of the Internet in Shaping the ‘Anti-Globalization’ Movement”, *Information, Communication & Society*, Routledge, (Online), pp. 465-493.

Disponível em: <http://webhost.ua.ac.be/m2p/publications/1222460371.pdf>.

Albon, C. R. (2011), “10 must-follow Twitter feeds for Egyptian protests”, *UN Dispatch*, (Online).

Disponível em: <http://www.undispatch.com/10-must-follow-twitter-feeds-for-egyptian-protests#>.

Alexander, Anne (2011), “Internet role in Egypt’s protests”, *BBC News*, (Online).

Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/news/world-middle-east-12400319>.

Allagui, Ilhem e Johanne Kuebler (2011), “The Arab Spring and the Role of ICTs. Editorial Introduction”, *International Journal of Communication*, (Online), (V), pp.1435-1442.

Disponível em: <http://ijoc.org/ojs/index.php/ijoc/article/download/1392/616>.

Alonso, Ângela (2009), “As Teorias dos Movimentos Sociais: Um balanço do debate”, *Lua Nova*, São Paulo, (Online).

Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ln/n76/n76a03.pdf>.

Al Jazeera (2011), “When Egypt Turned Off the Internet”, (Online).

Disponível em: <http://www.aljazeera.com/news/middleeast/2011/01/2011128796164380.html>.

Beaumont, P. (2011), “The truth about Twitter, Facebook and the uprisings in the Arab world”, *The Guardian*, (Online).

Disponível em: <http://www.guardian.co.uk/world/2011/feb/25/twitter-facebookuprisings-arab-libya?INTCMP=ILCNETTXT3487>.

Beckett, C. (2011), “After Tunisia and Egypt: Towards a new typology of media and networked political change.” *POLIS, journalism and society think tank*, (Online).

Disponível em: <http://www.charliebeckett.org/?p=4033>.

Bennett, W. Lance (2004), “Strengths and vulnerabilities of networked politics”, em Wim van de Donk *et al* (orgs), *Cyberprotest: New Media, citizens and social movements*, Routledge, London.

Boeder, P. (2005), “Habermas’s Heritage: The Future of the Public Sphere in the Network Society”, *Revista First Monday*, (Online), (X), (9).

Disponível em: <http://firstmonday.org/htbin/cgiwrap/bin/ojs/index.php/fm/article/view/1280/1200>

Brisson, Z. *et al* (2011) *Egypt: From Revolution to Institutions*, New York: Reboot. (Online).

Disponível em: <http://thereboot.org/wp-content/Egypt/Reboot-Egypt-From-Revolutions-To-Institutions.pdf>.

Cardoso, Gustavo e Pedro P. Neto (2004) “New media driven mobilization and online protest”, em Wim van de DONK *et al* (orgs), *Cyberprotest: New Media, citizens and social movements*, Routledge, London.

Cardoso, Gustavo (2008), “From Mass to Network communication: Communicational models and the Informational Society”, *International Journal of Communication*, (Online), (II).

Disponível em: <http://ijoc.org/ojs/index.php/ijoc/article/viewFile/19/178>.

Cardoso, Gustavo (2011), “The Birth of Network Communication. Beyond Internet and Mass Media”, *Revista Telos (Cuadernos de Comunicación e Innovación)*, (Online).

Disponível em: <http://sociedadinformacion.fundacion.telefonica.com/url-direct/pdf-generator?tipoContenido=articuloTelos&idContenido=2011012508180001&idioma=en>.

Cardoso, Gustavo e Cláudia Lamy (2011), “Redes sociais: comunicação e mudança”, *JANUS.NET e-journal of International Relations*, (Online), (II), (1).

Disponível em: [http://observare.ual.pt/janus.net/pt\\_vol2\\_n1\\_art6](http://observare.ual.pt/janus.net/pt_vol2_n1_art6).

Cardoso, Gustavo e Pedro Jacobetty (no prelo), *Surfing the Crisis: Cultures of Belonging and Networked Social Change*, ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa.

Cardoso, Gustavo *et al* (2011), “Redes Sociais e sociedade em rede”, *Políticas Sociais: Ideias e Prática*, Centro Ruth Cardoso, Editora Moderna, (Online), pp. 220-258.

Disponível em: [http://www.centroruthcardoso.org.br/anx/Políticas\\_Sociais\\_Final.pdf](http://www.centroruthcardoso.org.br/anx/Políticas_Sociais_Final.pdf).

Castells, Manuel (2002), “A Sociedade em Rede. A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura”, (I), Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

Castells, Manuel (2003), “O Poder da Identidade. A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura”, (II), Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

Castells, Manuel (2004). *A galáxia Internet: reflexão sobre a Internet, Negócios e Sociedade*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

Castells, Manuel (2007), “Communication, Power and Counter-power in the Network Society”, *International Journal of Communication*, (Online), (I).

Disponível em: <http://ijoc.org/ojs/index.php/ijoc/article/view/46/35>.

Castells, Manuel (2011), “A Network Theory of Power”, *International Journal of Communication*, (Online), (V), pp.773-787.

Disponível em: <http://ijoc.org/ojs/index.php/ijoc/article/viewFile/1136/553>.

- Cohen, Jay (2011), “The ‘Twitter Can’t Topple Dictators’ Article”, *Press Think*, (Online).  
Disponível em: <http://pressthink.org/2011/02/the-twitter-cant-topple-dictators-article/>.
- Coleman, Stephen e Jay Blumler (2009), *The Internet and Democratic Citizenship*, Cambridge University Press.
- Dahlgren, Peter (2009), *Media and Political Engagement: Citizens, Communication and Democracy*, Cambridge University Press.
- Dean, Jodi (2005), “Communicative Capitalism: Circulation and the Foreclosure of Politics”, *Cultural Politics*, (Online), (I), (1).  
Disponível em: [http://jdeanicate.typepad.com/i\\_cite/2005/01/communicative\\_c.html](http://jdeanicate.typepad.com/i_cite/2005/01/communicative_c.html).
- Della Porta, Donatella e Mario Diani (1999), *Social Movements: an introduction*, Blackwell Publishers.
- Donk, Wim van de *et al* (2004) (orgs.), *Cyberprotest: New Media, Citizens and Social Movements*, London, Routledge.
- El Amrani, I. (2010), “The murder of Khaled Said”, *Arabist*, (Online).  
Disponível em: <http://www.arabist.net/blog/2010/6/14/the-murder-of-khaled-said.html>.
- Eltantawy, Nahed e Julie B. Wiest (2011), “Social Media in the Egyptian Revolution: Reconsidering Resource Mobilization Theory”, *International Journal of Communication*, (Online), (V), pp.1207-1224.  
Disponível em: <http://ijoc.org/ojs/index.php/ijoc/article/viewFile/1242/597>.
- Feixa, Carles *et al* (2011), "Global Citizenship and the ‘New New’ Social Movements", em S. L. Chisholm e M. Merico Kovacheva (Orgs.), *European Youth Studies – Integrating research, policy and practice*, Innsbruck, M.A. EYS Consortium, Triangles Series, (Online), pp. 97-107.  
Disponível em: <http://www.youthstudies.eu/files/maeysreader.pdf>.
- Gladwell, Malcolm (2010), “Small Change: Why the Revolution Will Not be Tweeted”, *New Yorker*, (Online).  
Disponível em: [http://www.newyorker.com/reporting/2010/10/04/101004fa\\_fact\\_gladwell](http://www.newyorker.com/reporting/2010/10/04/101004fa_fact_gladwell).
- Haas, Richard N. (2011), “Reflections on the Revolution in Egypt”, *Project Syndicate*, (Online).  
Disponível em: <http://www.project-syndicate.org/commentary/haass35/English>.
- Harb, Z. (2011), “Arab Revolutions and the Social Media Effect”, *M/C Journal*, (Online), (XIV), (2).  
Disponível em: <http://journal.media-culture.org.au/index.php/mcjournal/article/viewArticle/364>.

Hashash, Sara (2012), “Women and the Arab Spring -Hopes for freedom in Egypt remain unfulfilled”, *Newstatesman*, (Online).

Disponível em: <http://www.newstatesman.com/blogs/middle-east/2012/05/women-and-arab-spring>

Hassan, Hamdi (2011), “Religion, Identity and Democracy. The Arab Spring: Transition to Democracy at a Crossroads”, *The International Institute for Democracy and Electoral Assistance*, (Online).

Disponível em: <http://www.idea.int/resources/analysis/religion-identity-and-democracy.cfm>.

Horst, Heather A. e Cara Wallis (2011), “New Media in International Contexts”, *International Journal of Communication*, (Online), (V).

Disponível em: <http://ijoc.org/ojs/index.php/ijoc/article/viewFile/1092/533>.

Howard, Philip N. *et al* (2011), “Opening Closed Regimes. What Was the Role of Social Media During the Arab Spring?”, *Project on Information Technology & Political Islam*, (Online).

Disponível em: <http://pitpi.org/index.php/2011/09/11/opening-closed-regimes-what-was-the-role-of-social-media-during-the-arab-spring/>.

Ishani, M. (2011), “The hopeful network”, *Foreign Policy*, (Online).

Disponível em: [http://www.foreignpolicy.com/articles/2011/02/07/the\\_hopeful\\_network](http://www.foreignpolicy.com/articles/2011/02/07/the_hopeful_network).

Johnson, Thomas J. e David D. Perlmutter (2011), *New Media, Campaigning and the 2008 Facebook Election*, Routledge.

Jones, Jonny (2011), “Social media and social movements”, *International Socialism*, (Online).

Disponível em: <http://www.isj.org.uk/index.php?id=722>.

Keane, John (2007), *Democracy: A short history*, (Online).

Disponível em: [http://www.johnkeane.net/essays/essay\\_complexdemocracy.htm](http://www.johnkeane.net/essays/essay_complexdemocracy.htm).

Keane, John (2010), *Democracy in the 21st Century: Global Questions*, (Online).

Disponível em: [http://www.johnkeane.net/pdf\\_docs/2010\\_jk\\_21stcenturydemocracy.pdf](http://www.johnkeane.net/pdf_docs/2010_jk_21stcenturydemocracy.pdf).

Keane, John (2011a), *Refolution in the Arab World*, (Online).

Disponível em: <http://johnkeane.net/13/topics-of-interest/democracy-21st-century/refolution-in-the-arab-world>.

Keane, John (2011b), *Democracy in the Age of Google, Facebook and Wikileaks*, (Online).

Disponível em: <http://johnkeane.net/55/news/democracy-in-the-age-of-google-facebook-and-wikileaks>.

Kessler, S. (2011), “Twitter blocked in Egypt as protests turn violent”, *Mashable social media*, (Online).

Disponível em: <http://mashable.com/2011/01/25/twitter-blocked-in-egypt/>.

Khamis, Sahar (2011), “The Transformative Egyptian Media Landscape: Changes, Challenges and Comparative Perspectives”, *International Journal of Communication*, (Online), (V), pp. 1159 – 1177.

Disponível em: <http://ijoc.org/ojs/index.php/ijoc/rt/captureCite/813/592>.

Kirkpatrick, D. e Sanger D. (2011), “A Tunisian-Egyptian link that shook Arab history”, *The New York Times*, (Online).

Disponível em: [http://www.nytimes.com/2011/02/14/world/middleeast/14egypt-tunisia-protests.html?\\_r=1](http://www.nytimes.com/2011/02/14/world/middleeast/14egypt-tunisia-protests.html?_r=1).

Kravets, D. (2011), “Internet down, tens of thousands protest in Friday of wrath”, *Wired*, (Online).

Disponível em: <http://www.wired.com/threatlevel/2011/01/egypt-internet-down/>.

Krugman, Paul (1999), “Understanding Globalization”, *Washington Monthly*, (Online), (XXXI), (6).

Disponível em: <http://www.washingtonmonthly.com/books/1999/9906.krugman.lexus.html>.

Laer, Van Jeroen e Peter Van Aelst (2010), “Internet and Social Movement Action Repertoires. Opportunities and limitations”, *Information, Communication & Society*, Routledge, (Online), (XIII), (8), pp. 1146-1171.

Disponível em:

[http://antwerp.academia.edu/JeroenVanLaer/Papers/206215/Internet\\_and\\_Social\\_Movement\\_Action\\_Repertoires\\_Opportunities\\_and\\_Limitations](http://antwerp.academia.edu/JeroenVanLaer/Papers/206215/Internet_and_Social_Movement_Action_Repertoires_Opportunities_and_Limitations).

Melucci, Alberto (1996), *Challenging codes. Collective action in the information age*, University Press, Cambridge.

Morozov, Evgeny (2009), “The Brave New World of Slacktivism”, *Foreign Policy*, (Online).

Disponível em:

[http://neteffect.foreignpolicy.com/posts/2009/05/19/the\\_brave\\_new\\_world\\_of\\_slacktivism](http://neteffect.foreignpolicy.com/posts/2009/05/19/the_brave_new_world_of_slacktivism).

Myers, D. (1998), *Social Activism through computer networks, American Sociological Association's Section on Collective Behaviour and Social Movements*, (Online), (I), (3).

Disponível em: <http://www.nd.edu/~dmyers/cbsm/vol1/myers2.html>.

Nelson, A. (2008), “The Web 2.0 revolution – extended version”, *Carnegie Reporter*, (Online).

Disponível em: <http://carnegie.org/publications/carnegie-reporter/single/view/article/item/70/>.

Niekerk, Brett Van *et al* (2011), “Analyzing the Role of ICTs in the Tunisian and Egyptian Unrest from an information Warfare Perspective”, *International Journal of Communication*, (Online), (V), pp. 1406-1416.

Disponível em: <http://ijoc.org/ojs/index.php/ijoc/article/download/1168/614>.

Nip, Joyce Y.M. (2004), “The queer Sisters and its electronic bulletin board”, em Wim van de DONK *et al* (orgs), *Cyberprotest: New Media, citizens and social movements*, Routledge, London.

Nunes, Cristina Isabel de Oliveira (2011), “Expressões Alterglobais na Sociedade Portuguesa: Ecos Transnacionais de Novas Formas de Acção Colectiva?”, ISCTE –IUL repositório, (Online).  
Disponível em: <http://repositorio-iul.iscte.pt/bitstream/10071/2526/2/Movimentos%20Altergloba.pdf>

OpenNet Initiative (2009), *Tunisia*, (Online).  
Disponível em: <http://opennet.net/research/profiles/tunisia>

Pereira, Inês (2009), *Movimentos Em Rede: Biografias de Envolvimento e Contextos de Interação*, Lisboa, Iscte-Iul.

Phipps, Katherine e Katryna Szagala (2007), “Social Movements and the News Media”, *The McMaster Journal of Communication*, The Berkeley Electronic Press, (Online), (IV), (1).  
Disponível em: <http://digitalcommons.mcmaster.ca/mjc/vol4/iss1/4/>

Power, Carla (2011), “Silent No More: The Women of the Arab Revolutions”, *Time*, (Online).  
Disponível em: <http://www.time.com/time/world/article/0,8599,2059435,00.html>

Praetorius, D. (2011a), “Tweets from the ground in Egypt”, *The Huffington Post*, (Online).  
Disponível em: [http://www.huffingtonpost.com/2011/01/28/tweets-egypt-twitter\\_n\\_815631.html#s232218&title=Danny\\_Ahmed\\_Ramadan](http://www.huffingtonpost.com/2011/01/28/tweets-egypt-twitter_n_815631.html#s232218&title=Danny_Ahmed_Ramadan)

Praetorius, D. (2011b), “Hosni Mubarak’s resignation: Twitter reacts (tweets)”, *The Huffington Post*, (Online).  
Disponível em: [http://www.huffingtonpost.com/2011/02/11/hosni-mubaraktwitter\\_n\\_821979.html#s238687&title=Sarah\\_El\\_Sirgany](http://www.huffingtonpost.com/2011/02/11/hosni-mubaraktwitter_n_821979.html#s238687&title=Sarah_El_Sirgany)

Rodríguez, Eva María Ferreras (2011), “Redes Sociales y cambio social. El movimiento 15-M y su evolución en Twitter”, *Revista Telos (Cuadernos de Comunicación e Innovación)*, (Online).  
Disponível em: [http://sociedadinformacion.fundacion.telefonica.com/DYC/TELOS/REVISTA/Dossier/DetalleArticuloTELOS\\_89TELOS\\_DOSSIER2/seccion=1266&idioma=es\\_ES&id=2011102410330001&activo=6.do](http://sociedadinformacion.fundacion.telefonica.com/DYC/TELOS/REVISTA/Dossier/DetalleArticuloTELOS_89TELOS_DOSSIER2/seccion=1266&idioma=es_ES&id=2011102410330001&activo=6.do)

Rosenkrands, Jacob (2004) “Politicizing Homo Economicus. Analysis of anti-corporate websites”, em Wim van de DONK *et al*, *Cyberprotest: New Media, citizens and social movements*, Routledge, London.

Rucht, Dieter (2004) “Media strategies of protest movements since 1960s”, em Wim van de DONK *et al*, *Cyberprotest: New Media, citizens and social movements*, Routledge, London.

Salem, Fadi e Racha Mourtada (2011a), “Civil Movements: The Impact of Facebook and Twitter”, *Arab Social Media Report*, (I), (2), Dubai School of Government, (Online).

Disponível em:

[http://www.dsg.ae/en/Publication/Pdf\\_En/DSG\\_Arab\\_Social\\_Media\\_Report\\_No\\_2.pdf](http://www.dsg.ae/en/Publication/Pdf_En/DSG_Arab_Social_Media_Report_No_2.pdf).

Salem, Fadi e Racha Mourtada (2011b), “The Role of Social Media in Arab Women’s Empowerment”, *Arab Social Media Report*, (I), (3), Dubai School of Government, (Online).

Disponível em: <http://www.dsg.fohmics.net/en/asmr3/>.

Salem, Fadi e Racha Mourtada (2011c), “Facebook Usage: Factors and Analysis”, *Arab Social Media Report*, (Online), (I), (1).

Disponível em: <http://www.dsg.ae/portals/0/ASMR%20Final%20May%208%20high.pdf>.

Siddique, H. *et al* (2011), “Protests in Egypt and unrest in the Middle East—As it happened”, *The Guardian*, (Online).

Disponível em: <http://www.guardian.co.uk/global/blog/2011/jan/25/middleeast-tunisia>.

Sire, Ana Romero (2011), “Las redes sociales y el 15-M en España”, *Revista Telos (Cuadernos de Comunicación e Innovación)*, (Online).

Disponível em: <http://sociedadinformacion.fundacion.telefonica.com/url-direct/pdf-generator?tipoContenido=articuloTelos&idContenido=2011102417270001&idioma=es>.

Shapiro, Samantha M. (2009), “Revolution, Facebook-Style”, *NY Times*, (Online).

Disponível em: <http://www.nytimes.com/2009/01/25/magazine/25bloggers-t.html?pagewanted=all>.

Srebreny, Annabelle (2008), “The Analytic Challenges of Studying the Middle East and its Evolving Media Environment”, *Middle East Journal of Culture and Communication*, (Online), (I), pp.8-23.

Disponível em: [http://eprints.soas.ac.uk/7359/1/MEJCC\\_Srebreny\\_pdf.pdf](http://eprints.soas.ac.uk/7359/1/MEJCC_Srebreny_pdf.pdf).

Srebreny, Annabelle (2011), “A social media revolution?”, *Media and Social Change*, (Online).

Disponível em: <http://mediasocialchange.net/2011/05/12/a-social-media-revolution/>.

Underwood, P. e H. T. Welser (2011), “The Internet is Here: Emergent Coordination and Innovation of Protest Forms in Digital Culture”, *iConference 2011*, Seattle.

Vallespín, Fernando (2011), “Redes Sociales y democracia: ¿un cambio cualitativo?”, *Revista Telos (Cuadernos de Comunicación e Innovación)*, (Online).

Disponível em:

[http://sociedadinformacion.fundacion.telefonica.com/seccion=1268&idioma=es\\_ES&id=2011102410060001&activo=6.do](http://sociedadinformacion.fundacion.telefonica.com/seccion=1268&idioma=es_ES&id=2011102410060001&activo=6.do).

Vargas, José Antonio (2012), “Spring Awakening - How an Egyptian Revolution began on Facebook”, *NY Times*, (Online).



Disponível em: [http://www.nytimes.com/2012/02/19/books/review/how-an-egyptian-revolution-began-on-facebook.html?\\_r=1&ref=egypt](http://www.nytimes.com/2012/02/19/books/review/how-an-egyptian-revolution-began-on-facebook.html?_r=1&ref=egypt).

Webster, Frank (1997), *What Information Society?*, “The Information Age: An Anthology on Its Impact and Consequences”, CCRP Publication Series.

Weyman, G. (2007), “Western journalists report on Egyptian bloggers”, *Nieman Reports*, (Online).

Disponível em: <http://www.nieman.harvard.edu/reports/article/100216/Western-Journalists-Report-on-Egyptian-Bloggers.aspx>.

Wolf, Naomi (2011), “The Streets of 2012”, *Project Syndicate*, (Online).

Disponível em: <http://www.project-syndicate.org/commentary/wolf43/English>.

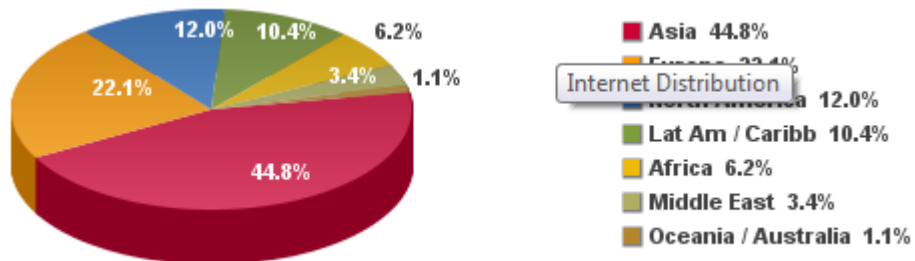
Wright, Steve (2004) “Informing, communicating and ICT’s in contemporary anti-capitalist movements”, em Wim van de DONK *et al*, *Cyberprotest: New Media, citizens and social movements*, Routledge, London.



## **ANEXOS**

## ANEXO A

**Figura 1.1 - Utilizadores de Internet no Mundo: Distribuição por regiões -2011**



Fonte: Internet World Stats - <http://www.internetworldstats.com/stats.htm>

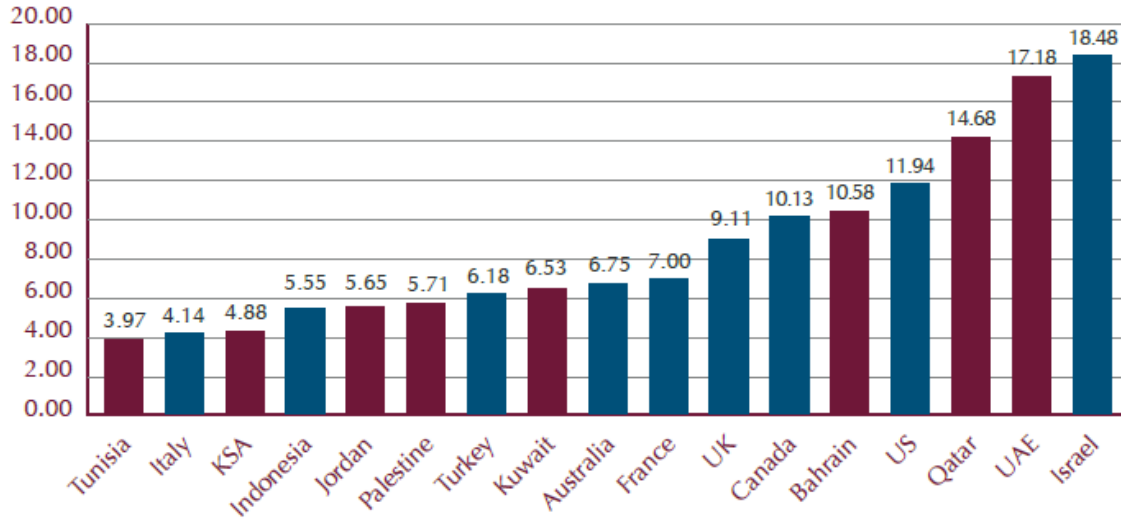
**Figura 1.2 – Visualização das Conexões Mundiais do Facebook**



Fonte: Salem, Fadi e Racha Mourtada (2011c), “Facebook Usage: Factors and Analysis”, *Arab Social Media Report*, (Online), (I), (1).

Disponível em: <http://www.dsg.ae/portals/0/ASMR%20Final%20May%2008%20high.pdf>.

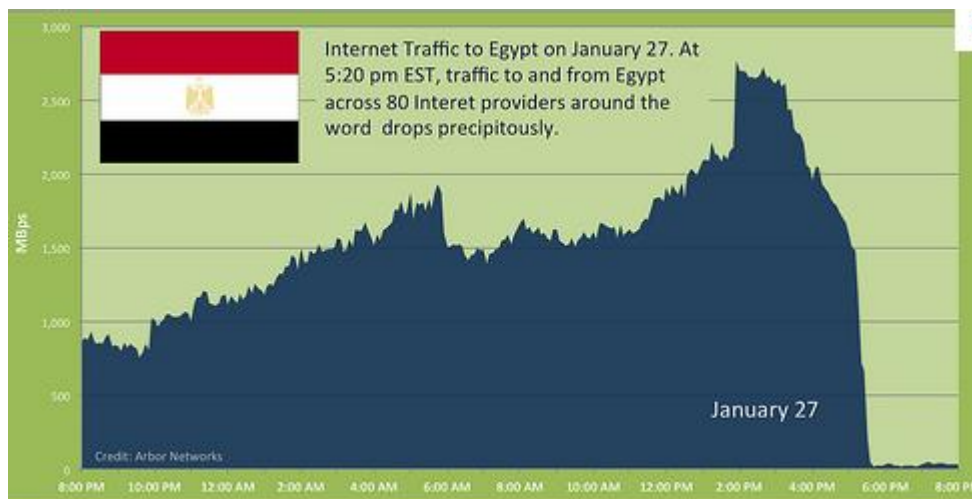
**Figura 1.3** – Percentagem de Novos Utilizadores de Facebook em 2010



Fonte: Salem, Fadi e Racha Mourtada (2011c), “Facebook Usage: Factors and Analysis”, *Arab Social Media Report*, (Online), (I), (1).

Disponível em: <http://www.dsg.ae/portals/0/ASMR%20Final%20May%208%20high.pdf>.

**Figura 1.4** – Gráfico que indica o corte total de Internet no Egito – 27/01/2011



Fonte: <http://maquiavelencias.blogspot.pt/2011/01/raiva-burning.html>

## ANEXO B

Figura 2.1



Fonte: <http://pt.wikinoticia.com/estilo%20de%20vida/social-cr%C3%ADtica/74523-egipto-mubarak-mudou-seu-status-no-facebook-para-qe-complicadoq>



## Europass-Curriculum Vitae



### Informação pessoal

Apelido(s) / Nome(s) próprio(s)

**Maria Inês Clímaco Casanova Antero**

Morada(s)

Alameda D. Afonso Henriques, nº74 – 3º Esq. 1000-140 Lisboa

Telefone(s)

Telemóvel: 913367798

Correio(s) electrónico(s)

m.casanovaantero@gmail.com

Nacionalidade

Portuguesa

Data de nascimento

08/11/1989

Sexo

Feminino

### Experiência profissional

Datas

**De Setembro 2010**

Função ou cargo ocupado

Bolseira no Instituto Camões – Ministério dos Negócios Estrangeiros

Principais actividades e responsabilidades

Divisão de Programas e Acordos Culturais (DPAC)

Correspondência para as embaixadas, portuguesas ou estrangeiras, de assuntos do seu maior interesse, bem como correspondência entre as partes envolvidas em negociações de Programas e Acordos Culturais. Correspondendo aos interesses e objetivos desta Divisão, o meu trabalho tem por objetivo fazer as partes chegarem a bons entendimentos no que respeita às negociações dos Programas e Acordos, reunindo esforços para dar aplicação aos mesmos, pelo que se torna indispensável uma boa elaboração e análise dos Pontos de Situação, focando-me nos países da Europa e do Médio Oriente e Magrebe. Em paralelo, acompanho os trabalhos da Subcomissão para a Educação, Cultura, Comunicação Social, Ciência e Tecnologia, Desporto e Juventude, criada pelo Tratado de Amizade, Cooperação e Consulta entre Portugal e Brasil.

Responsável pelo apoio à Presidência e à secretaria da Presidência.

Apoio na organização de cerimónias de assinatura de Protocolos, Memorandos de Entendimento e Acordos Culturais.

Organização de eventos no Instituto Camões, como Exposições e Concertos.

Organização e arquivo dos protocolos existentes entre o Instituto Camões e outras entidades, como Embaixadas, Universidades, Centros Culturais, sempre com vista à promoção e divulgação da Língua portuguesa.

Enquanto apoio à Presidência, responsável por criar uma base de dados de instituições, entidades culturais, Embaixadas, Centros Culturais, com as quais o Instituto possa manter uma relação de cooperação e apoio mútuo.

Nome e morada do empregador	Instituto Camões, I.P Av. da Liberdade, 270 Lisboa 1250-149 PORTUGAL
Tipo de empresa ou sector	Instituto Camões Portugal – Ministério dos Negócios Estrangeiros
Datas	<b>De 5 a 9 Junho 2011</b>
Função ou cargo ocupado	EUNIC SUMMER ACADEMY – Lisboa 2011
Principais actividades e responsabilidades	<p>No âmbito da reunião dos Presidentes dos diversos Centros Culturais que compõem a EUNIC (European Union Nation Institutes for Culture), que teve lugar em Junho de 2011 em Lisboa, realizou-se a Academia de Verão, com os jovens quadros desses mesmos institutos. Uma vez que este ano é o Instituto Camões que preside à EUNIC, as reuniões foram organizadas pelo Instituto, sendo que as minhas funções passaram pela organização e orientação intensivas de todos os pormenores referentes aos preparativos da Academia de Verão.</p> <p>Para além de um papel organizativo, participei igualmente nesta Academia, que teve como objetivo fulcral a construção de um Projeto para apresentar aos Presidentes dos Institutos Culturais e, posteriormente, à Comissão Europeia.</p> <p>Nesta edição de 2011 o tema da Academia de Verão foi as Industrias Culturais e Criativas, tendo como suporte o Livro Verde da Comissão: “Realizar o potencial das Indústrias Culturais e Criativas”.</p> <p>O projeto final, que ainda está sob avaliação da Presidência para financiamento e apoio, designa-se por “EUNIC - MEET project”. Estou diretamente envolvida neste projeto, uma vez que, para além de constituir parte do grupo que o construiu, nesta segunda fase de trabalho, sirvo de ponte entre alguns participantes que se voluntariaram a dar continuidade ao projeto e a Presidência da Eunic.</p>
Nome e morada do empregador	Instituto Camões, I.P Av. da Liberdade, 270 Lisboa 1250-149 PORTUGAL
Tipo de empresa ou sector	Instituto Camões Portugal – Ministério dos Negócios Estrangeiros
<b>Educação e formação</b>	
Datas	<b>De Abril 2012</b>
Designação da qualificação atribuída	Curso de Especialização em Diplomacia Económica
Principais disciplinas/competências Profissionais	O Curso de Especialização em Diplomacia Económica proporciona aos alunos a aquisição de competências fundamentais para o desempenho das funções de diplomata, bem como prepara os alunos para o acesso à carreira diplomática, transmitindo os conteúdos fundamentais para esse efeito.
Nome e tipo da organização de ensino ou formação	ISCEN – Instituto Superior de Comunicação Empresarial  Praça do Príncipe Real, n.º 27 1250 - 184 Lisboa Tel: +351 213 474 283(B.A.) Fax: +351 213 474 288 diplomacia@iscem.pt
Datas	<b>De Setembro 2010</b>
Designação da qualificação atribuída	Mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias de Informação

Principais disciplinas/competências profissionais O Mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias de Informação pretende estudar as mudanças que estão a ocorrer nos meios de comunicação e na sociedade, oferecendo conhecimentos para a análise e para a ação em várias áreas do sector da informação, comunicação e cultura.

Nome e tipo da organização de ensino ou formação ISCTE – Lisbon University Institute  
 Av.<sup>a</sup> das Forças Armadas, 1649-026 Lisboa  
 Tel.: +351 217903000  
 Fax: +351 217964710  
 geral@iscte.pt  
 ISCTE © 2011

**Datas De Setembro 2009 a Fevereiro 2010**

Designação da qualificação atribuída Realização do 1º Semestre do ano lectivo 2009/2010 em Pisa (Itália) ao abrigo do programa SÓCRATES/ERASMUS

Nome e tipo da organização de ensino ou formação Università degli Studi di Pisa – Facoltà di Scienze Politiche

**Datas De Setembro 2009 a Dezembro 2009**

Designação da qualificação atribuída Frequência no Curso Italiano nível A1

Nome e tipo da organização de ensino ou formação Università degli Studi di Pisa – Centro Linguistico Interdipartimentale

**Datas De Setembro 2008 a Janeiro 2009**

Designação da qualificação atribuída Frequência no Curso Francês nível A2

Nome e tipo da organização de ensino ou formação Instituto de Línguas da Universidade Nova de Lisboa – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

**Datas De Setembro 2007 a Junho 2010**

Designação da qualificação atribuída Licenciatura em Ciência Política e Relações Internacionais

Principais disciplinas/competências profissionais Formação teórico-prática no domínio das Relações Internacionais, tendo em conta a aquisição das necessárias competências intelectuais que permitem identificar e avaliar as informações relevantes num contexto político e de relações entre-Estados.

Aquisição de conhecimentos e de métodos de compreensão de teorias, fronteiras e natureza da disciplina de ciência política e das relações internacionais, conhecendo e aplicando conceitos, estruturas, ideias e contextos nesta área do estudo do que é a política e de nascimento e consolidação das relações ditas internacionais.

Desenvolvimento de capacidades argumentativas, de comunicar informação (oral e escrita), e de aptidão pessoal para realizar um trabalho disciplinado e autónomo, com espírito de iniciativa e colaboração em rede.

Nome e tipo da organização de ensino ou formação Universidade Nova de Lisboa – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas  
 Avenida de Berna, 26-C  
 1069-061 Lisboa  
<http://www.fcsh.unl.pt>

Auto-avaliação  
 Nível europeu (\*)

Compreensão		Conversação		Escrita
Compreensão oral	Leitura	Interacção oral	Produção oral	

<b>Inglês</b>	C1	Proficient Speaker	C1	Proficient Speaker	B2	Independent Speaker	B2	Independent Speaker	C1	Proficient Speaker
<b>Italiano</b>	B2	Independent Speaker	B2	Independent Speaker	B1	Independent Speaker	B1	Independent Speaker	B1	Independent Speaker
<b>Francês</b>	A2	Basic Speaker	B1	Independent Speaker	B1	Independent Speaker	A2	Basic Speaker	A2	Basic Speaker
<b>Espanhol</b>	B2	Independent Speaker	B2	Independent Speaker	B1	Independent Speaker	A1	Basic Speaker		-

(\*) [Nível do Quadro Europeu Comum de Referência \(CECR\)](#)

Aptidões e competências sociais	Aptidão para conviver e trabalhar com outras pessoas, especialmente em funções onde a comunicação e o trabalho em equipa são essenciais. Capacidade de adaptação a ambientes multiculturais e flexibilidade em relação à mudança.
Aptidões e competências de organização	Espírito e capacidade de liderança, sentido de organização e método. Espírito de iniciativa, autodisciplina e capacidade de coordenação e gestão de projetos.
Aptidões e competências técnicas	Bons conhecimentos do ambiente Windows na óptica do utilizador Bons conhecimentos de Word, Excel e UCINET Bons conhecimentos de Internet na óptica do utilizador
Aptidões e competências artísticas	Ballet Clássico, Sapateado, Dança Contemporânea; Basket, voleibol, ténis, natação; Ski, Snowboard, Windsurf, Wakeboard; Escrita Amadora
Outras aptidões e competências	Profissionalismo, Independência, Vontade de Formação Constante, Facilidade de Comunicação e Capacidade argumentativa.
Carta de condução	L-1985156 2